



entrelaçam. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. v. 1.
--

Número de unidades avaliativas: 1



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1879	Pluralidade linguística na escola	30
EMENTA:		
Monolinguismo, bilinguismo e plurilinguismo; interculturalidade e transculturalidade; línguas de fronteira/contato; línguas de imigração e de acolhimento; educação bilíngue; políticas linguísticas e políticas públicas; formação docente crítico-reflexiva para contextos plurilíngues.		
OBJETIVO:		
Refletir sobre o espaço da escola e da sala de aula como um espaço plural em termos linguísticos. Olhar para os espaços escolares e suas diversidades culturais, para a presença e a valorização das línguas (língua materna, segundas línguas, línguas adicionais, etc) em diferentes contextos/situações (fronteira, imigrações, refugiados, etc); Analisar as políticas públicas em torno das questões linguísticas da/na escola. Conceituar e refletir a luz de teóricos da área questões em torno de: língua nacional, língua adicional, línguas minoritárias, línguas indígenas, línguas hegemônicas; línguas de herança, línguas estrangeiras, etc. Apagamento/invisibilidade das línguas nacionais.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS:		
CALVET, Louis-Jean. As Políticas Linguísticas . São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.		
RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 1995.		
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa . Ed. 68. São Paulo: Paz e Terra, 2019.		
TAKAKI, Nara; MACIEL, Ruberval. Letramentos em Terra de Paulo Freire . Campinas: Pontes, 2014.		
UNESCO. Políticas para a primeira infância . Brasília: Unesco, 2005.		
UYENO, Elzira; CAVALLARI, Juliana. Bilinguismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras . Coleção INPLA Vol. 9. Campinas: Pontes, 2011.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:		
ASSIS-PETERSON, A. A.; GONÇALVES, M. O. C. Qual é a melhor idade para aprender Línguas? Mitos e Fatos. Contexturas - Ensino Crítico de Língua Inglesa. 5: 11-27, 2000/2001.		
BARCELOS, Ana Maria F. (org.). Linguística aplicada: reflexões sobre ensino e aprendizagem de língua materna e língua estrangeira . Campinas: Pontes, 2011.		
BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº 2 de nove de julho de 2020. Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue . Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=156861-pceb002-20&category_slug=setembro-2020-pdf&Itemid=30192 .		
LIBERALI, Fernanda. Formação crítica de educadores: questões fundamentais . 3. ed. Campinas: Pontes, 2018.		
MAGALHÃES, Maria Cecília (org.). A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão . Campinas: Mercado de Letras, 2004.		
MELLO, H. A. B. Educação bilíngue: uma breve discussão. Horizontes de Linguística Aplicada , v. 9, n.1, p. 118-140, 2010. Disponível em:		



<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/818/> Acesso em: 30 out. 2023.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue: discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. Mato Grosso do Sul. v. 3, n. 5, s./p. ago. 2005. Disponível em: Disponível em: [Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL](#) . Acesso em: 30 out. 2023.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

NICHOLAIS, Christine; SILVA, Kleber; TILIO, Rogerio; ROCHA, Claudia (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes/ALAB, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A língua estrangeira para crianças: um tema no mínimo ambíguo. In: ROCHA, Cláudia; TONELLI, Juliana; SILVA, Kleber (org.). **Língua Estrangeira para crianças: ensino-aprendizagem e formação docente**. Campinas: Pontes Coleção INPLA, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Número de unidades avaliativas: 2



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1880	Introdução à educação a distância	30
EMENTA		
Histórico, fundamentos e regulamentações sobre a EAD. Mediação pedagógica na modalidade EAD, ambientes virtuais de aprendizagem e seus recursos didáticos para o ensino preferencial para crianças e jovens. Comunidades educativas por acesso remoto, com enfoque nas práticas de comunicação, colaboração e interação individuais e coletivas.		
OBJETIVO		
Compreender o processo de aprendizagem em ambientes virtuais de ensino para crianças e jovens, com ênfase em suas dimensões de historicidade, fundamentos, regulações e mediações pedagógico.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Marcos (org.). Educação a distância : o estado da arte, volume 2. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.		
PRIMO, Alex. Interação mediada por computador : comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.		
ROMMEL, Melgaço Barbosa. Ambientes Virtuais de Aprendizagem . Porto Alegre: Artmed, 2005.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
COSTA, Cristina. Educação, imagem e mídias . São Paulo: Cortez Editora, 2005.		
PALLOFF, Rena M; PRATT, Keith. O aluno virtual : um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004. (Minha Biblioteca E-book)		
VALENTE, Germando, BUSTAMANTE, Sílvia Branco V. Educação a distância : prática e formação do professor reflexivo. São Paulo: Avercamp, 2009.		
BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira (org.). Educação on-line : conceitos, metodologias, ferramentas e aplicações. Curitiba: CRV, 2012.		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1881	Arte, educação, didáticas e metodologias ativas	30
EMENTA		
A construção do conhecimento e as especificidades das linguagens teatral, musical e estética nos currículos funcionais e adaptados. Os jogos teatrais e a expressão musical na educação escolarizada e nas práticas de inclusão com crianças e jovens. O conceito de artes visuais e suas modalidades inseridas: pintura, desenho, modelagem, fotografia e vídeo.		
OBJETIVO		
Aproximar Arte, Didáticas e Metodologias Ativas na formação ao magistério, valorizando trabalhos educativos e pedagógicos com comunidades escolares.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BARBOSA, A. M. (org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte . São Paulo. Cortez, 2012.		
FERREIRA, Aurora. Arte, Escola e Inclusão . Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.		
SEBACH, Simone. Arte e Didática . Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ANTUNES, Celso. Jogos para bem ensinar . Fortaleza: Imeph, 2009.		
BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação Contemporânea . São Paulo: Cortez, 2013.		
COLI, Jorge. O que é arte? 1 ed. São Paulo. Brasiliense, 1990.		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1882	Divulgação científica na infância	30
EMENTA		
A construção do conhecimento da Ciência pelo uso de diferentes instrumentos de divulgação científica: Análise de Textos publicados em Revistas de Divulgação Científica e em Desenhos Animados.		
OBJETIVO		
Compreender a Divulgação Científica como modo de potencializar o Ensino de Ciências na Educação Infantil.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ALMEIDA, Sheila de Almeida; GIORDAN, Marcelo. Práticas de Letramento mediadas pela Revista Ciência Hoje das Crianças: Cenas de Sala de Aula. In: GIORDAN, Marcelo; CUNHA, Marcia Borin. Divulgação Científica na sala de aula: Perspectivas e Possibilidades. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. p. 213-248. CAMPOS, Carlos Roberto Pires. Divulgação científica e ensino de ciências: debates preliminares. Vitória: Editora Ifes, 2015. GIORDAN, Marcelo. Computadores e linguagens nas aulas de ciências: uma perspectiva socio-cultural para compreender os significados. Ijuí: Unijuí, 2008. MASSARANI, Luísa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (org.) Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002. Disponível em: https://museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf Acesso em: 30 out. 2023. MASSARANI, Luísa (org) O pequeno cientista amador - a divulgação científica e o público infantil. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2005.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CHASSOT, Attico Inácio. Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação. 7. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2016. ROJO, Roxane. O letramento escolar e os textos da divulgação científica – A apropriação dos gêneros de discurso na Escola. Linguagens em (Dis)curso – v. 8, n. 3,p. 581-612,set/dez. 2008. ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: http://www.fiocruz.br/brasilliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=207&sid=27 Acesso em: 30 out. 2023.		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1883	Indisciplinas, incivildades, conflitos e cultura de paz nas escolas	30
EMENTA		
Conceituações de Indisciplinas, Incivildades, Conflitos e Violências. O nascimento do ódio. A transformação da raiva. Prevenção da violência na família e na escola. Construindo diálogos restaurativos. Da cultura da violência para a cultura de paz. Reforçando características da paz. Professores/as construtores/as da Paz.		
OBJETIVO		
Identificar as várias formas de indisciplinas, incivildades, conflitos e violências para compreender os fatores externos e internos às famílias e às escolas e as possibilidades de construção de caminhos para a cultura da paz.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CECCON, Claudia. Conflitos na escola : modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar. São Paulo: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.		
DREW, Naomi. A paz também se aprende . São Paulo: Gaia, 1990.		
MALDONADO, Maria Tereza. Os construtores da paz : caminhos de prevenção da violência. São Paulo: Moderna, 1997.		
MILANI, Feizi Masrour (et al). Cultura de Paz : estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.		
DEL PRIORE, Mary (org). História das Crianças no Brasil . 13. ed. São Paulo: Contexto, 2010.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ASSIS, Simone Gonçalves de. Traçando caminhos em uma sociedade violenta . RJ: Fiocruz, 1999.		
BERNDT, Chistina. Resiliência : o segredo da força psíquica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.		
GAUTHIER, Clermont. TARDIF, Maurice (org). A pedagogia : teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.		
GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Educação para a paz : sentidos e dilemas. Caxias do Sul: Educus, 2005.		
JARES, XESÚS R. Educação para a Paz : sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1886	O ensino religioso nos anos iniciais	30
EMENTA		
Dimensões da experiência religiosa: vincular-comunitária, místico-extática, cosmológica, doutrinária, reflexiva, ritual-institucional, moral, estética. Religiões de possessão e religiões de livro. O “outro mundo” e este mundo (da casa e da rua), na cultura brasileira. O ensino religioso na legislação educacional brasileira, de ontem e de hoje. Estado laico, escola pública laica e religiosidade. Diálogo intercultural e inter-religioso. Religiões e ciências. Dádiva, subjetividade, mercado e estado.		
OBJETIVO		
Conhecer os aspectos estruturantes de diferentes tradições e vertentes religiosas, a partir de pressupostos científicos e filosóficos, para compreender a religiosidade como um direito humano no exercício da cidadania.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BRASIL, Taciana. Ensino religioso no Brasil: da confessionalidade à laicidade? Avaliação e Políticas Públicas em Educação , Rio de Janeiro, v. 31, n. 119, 2023. https://doi.org/10.1590/S0104-40362022003003290 Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/BhCC5dsmxNVcSLsx6k5bSzM/# Acesso em: 20 set. 2023.		
JUNQUEIRA, Sérgio R. A. O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil . Petrópolis: Vozes, 2002.		
OLIVEIRA, Lilian B. et al. Ensino religioso no ensino fundamental . São Paulo: Cortez, 2007.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
DINIZ, Débora Person; LIONÇO, Tatiana; CARRIÃO, Vanessa. Laicidade e Ensino Religioso no Brasil . Brasília: Letras Livres, 2010		
JUNQUEIRA, S. R. A. Formação do professor de Ensino Religioso: um processo em construção no contexto brasileiro. Rever , São Paulo, v. 2, p. 62-84, jun. 2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/i_junqueira.htm Acesso em: 20 set. 2023.		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas	
		Presenciais	EAD
GCH1889	Jogos e brincadeiras na infância	30	30
EMENTA			
História, teorias, conceitos e classificações de jogo, brinquedo e brincadeira. Significados da recreação e da ludicidade. Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras como elementos constitutivos da aquisição de conhecimentos nos vários contextos. Propostas de brincadeiras nos diversos paradigmas: psicológicos, sócio-antropológicos e pedagógicos. A utilização do brincar em propostas pedagógicas.			
OBJETIVOS			
Compreender a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras na aprendizagem para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental em seus aspectos conceituais, históricos, metodológicos, pedagógicos e sua contribuição para o desenvolvimento humano em seus espaços de educação e lazer.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ANTUNES, Celso. O jogo e a Educação Infantil : falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.			
CABRAL, Fátima. Jogos eletrônicos: técnica ilusionista ou emancipadora? Revista USP . N 35. Nov, 1997. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26924 Acesso em: 30 out. 2023.			
CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. Estudos e Pesquisas em Psicologia . Vol. 7, n. 1. UERJ, RJ, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000100009&script=sci_abstract Acesso em: 30 out. 2023.			
BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação . São Paulo: Editora 34, 2002.			
FREIRE, João Batista; VENÂNCIO, Silvana (org.). O jogo dentro e fora da escola . Campinas: Autores Associados, 2005.			
VYGOTSKY, Lev Semionovitch. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente : o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Sobre brinquedo e infância: Aspectos da experiência e da cultura do brincar. Educação e Sociedade . v. 27, n. 95, p. 541-551, maio/ago. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000200011 . Acesso em: 30 out. 2023.			
ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (org.). Brincadeira de papéis sociais na educação infantil : as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin. São Paulo: Xamã, 2006.			
GARDNER, Howard. A criança Pré-Escolar : como pensa e como a escola pode ensiná-la. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.			
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação . São Paulo: Cortez, 2023. (Ebook Minha Biblioteca).			
MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícole; PASSOS, Norimar Christe. Os jogos e o			



lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 2011. (Minha Biblioteca – E-book.)

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano, do patriarcado à democracia. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Número de unidades avaliativas: 2



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1887	Diversidade, diferença e educação	30
EMENTA		
Diversidades. A concepção de diversidade, diferença e educação, Igualdade e diferença, Gênero, violência e poder. Sexualidade e orientação sexual. Relações étnico-raciais. Multiculturalismo e suas implicações na educação. Políticas afirmativas em Educação. O ensino colaborativo na escola. Pessoas com deficiência. Implicações ao contexto educativo.		
OBJETIVO		
Problematicar diálogos a respeito das diversidades e sua relação com a educação, de forma a contribuir com uma formação crítica, humana, teórica e cidadã pautada na equidade, no enfrentamento das dicotomias entre os gêneros e na garantia dos direitos da pessoa com deficiência.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ARROYO, Miguel G. Outros sujeitos, outras pedagogias . Petrópolis: Vozes, 2012.		
COVOLAN, Nadia Terezinha. OLIVEIRA, Daniel Canavese de. (org.) Educação & diversidade: a questão de gênero e suas múltiplas expressões . Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015.		
SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, STUART et al. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais . Petrópolis: Vozes, 2018.		
SANTOS, Reinaldo dos; GODOI, Eliamar (org.). Pesquisas em Educação, Inclusão e Diversidade . São Paulo: Paco Editorial, 2021.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CUNHA, M. I. Sala de aula: espaço de inovações e formação docente. In: ENRICONE, D, Grillo m. (org.). Educação Superior: vivências e visão de futuro . Porto Alegre: Edipucrs, 2005.		
DESLANDES, Keila; LOURENÇO, Erika. (org.) Por uma cultura dos direitos humanos na escola: Princípios, meios e fins . Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, 2012.		
MOURA, Glória. O Direito à Diferença. In: MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola . SECAD/MEC, Brasília, 2005, p.69-82. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_escola_miolo.pdf Acesso em: 30 out. 3023.		
SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (org.). Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia . Matinhos: UFPR Litoral, 2014.		
SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. Gênero, Diversidade e Desigualdades na Educação: Interpretações e reflexões para formação docente . Pernambuco: Universidade Federal do Pernambuco- Editora Universitária UFPE, 2009.		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH308	Educação ambiental	30
EMENTA		
Princípios, diretrizes e alguns marcos históricos da Educação Ambiental (EA). A prática da EA em diferentes contextos intra e extraescolares. Trilhas ecológicas como instrumento de EA no ensino de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Causas e consequências dos problemas ambientais. Benefício da sustentabilidade ecológica. Consumo consciente. Metodologias de Pesquisa em Educação Ambiental. Situações de ensino com uso de diferentes instrumentos culturais como a fala, a escrita e a leitura relacionados aos conteúdos em questão.		
OBJETIVO		
Compreender a temática ambiental como elemento estruturante do ensino de Ciências e Biologia e como aspecto indispensável a formação de professores e cidadãos críticos e Responsáveis tendo como referência a vida sustentável em relação a ações socio-antropicoambientais, com vistas a conservação da natureza e a preservação da biodiversidade. Desenvolver procedimentos próprios ao exercício da docência.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra . Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.		
BRASIL. Lei n. 9795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental.		
Diário Oficial da União . Brasília, DF, 28 de abril de 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm Acesso em: 10 out. 2023.		
DIAS, Genebaldo Freire. Educação Ambiental: Princípios e práticas . 9. ed. São Paulo: GAIA, 2004.		
GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, Jose Vicente de (Org.). Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental . Ijuí: UNIJUI, 2005.		
LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania . 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.		
MARTINEZ, Paulo Henrique. História ambiental no Brasil, pesquisa e Ensino . São Paulo: Cortez, 2006.		
MORIN, E. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana . 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007. (Tradução Sandra Trabucco Valenzuela).		
PACHECO, E. B.; FARIA, R. M. Educação Ambiental em Foco . Belo Horizonte: Le, 1992.		
RUSCHEINSKY, Aloísio (Ed.). Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas . Porto Alegre: Artmed, 2002.		



SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos, *et al.* O Enfoque CTS e a Educação Ambiental: Possibilidade de “ambientalização” da sala de aula de Ciências. In: SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; MALDANER, Otávio Aloísio (Org.). **Ensino de Química em Foco**. Ijuí: Unijuí, 2010.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. **Educação em Química, compromisso com a cidadania**. 3. ed. Ijuí: Unijuí. 2003.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, Ética/Meio Ambiente - Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 146 p.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

GELLER, Howard S. **O Uso eficiente de eletricidade:** uma estratégia eficiente para o Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Eficiência Energética, 1994.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

KRASILCHIK, Myriam; PONTUSCHKA, Nídia Nacib; RIBEIRO, Helena. **Pesquisa Ambiental:** construção de um processo participativo de Educação e Mudança. São Paulo: EDUSP, 2006.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. **Sociedade e meio ambiente:** a educação ambiental em debate. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MINC, Carlos. **Ecologia e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 2005.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

REIS, Pedro Rocha dos. Os Temas Controversos na Educação Ambiental. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, USP, v. 2, n. 1, p.125-140, 2007.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; MORTIMER, Eduardo Fleury. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem CTS no contexto da educação brasileira. **Revista Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 2, 2002.

TREVISOL, Joviles Vitorio. **A educação ambiental em uma sociedade de risco:** tarefas e desafios na construção da sustentabilidade. Joaçaba: Edições Unoesc, 2003.

TUNDISI, Helena Silva Freire. **Usos de Energia**. São Paulo: Ed. Atual, 1991.

Número de unidades avaliativas: 2



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1204	Educação em saúde	30
EMENTA		
Saúde coletiva e escola, políticas de saúde no Brasil, concepções e histórico de educação em saúde na escola, bases pedagógicas de educação em saúde no ambiente escolar, educação em saúde no ensino.		
OBJETIVO		
Discutir temas vinculados à saúde oportunizando espaços para reflexões e debates, enfocando o ensino e aprendizagem dessas questões nos diversos espaços educativos.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CAMPOS, G. W. S. <i>et al.</i> (org.). Tratado de saúde coletiva . 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. 871 p		
CARSON, R. Primavera silenciosa . São Paulo, SP: Gaia, 2010. 327 p.		
FURLANI, J. Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças . São Paulo: Autêntica, 2011. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
GAZZINELLI, M. F. C.; REIS, D. C.; MARQUES, R. C. Educação em saúde: teoria, método e imaginação . Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. 166 p. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.		
BOFF, E. T. O.; ARAÚJO, M. C. P.; CARVALHO, G. S. (org.). Interações entre conhecimentos, valores e práticas na educação em saúde . Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2016. 204 p.		
SCLIAR, M. Do mágico ao social: trajetória da saúde pública . 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2002. 160 p.		
Número de unidades de avaliação	02	



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1800	Neurociências, ensino e aprendizagem	30
EMENTA		
Morfofisiologia do sistema nervoso. Neurociências, funções cognitivas e aprendizagem. Neurociências e ensino. Neurociências e aprendizagem no contexto escolar. Neurociências da linguagem, da leitura e da escrita. Neurociências e transtornos de aprendizagem.		
OBJETIVO		
Perceber o papel das Neurociências na educação. Conhecer as regiões e as funções do cérebro e suas relações com o ensino e a aprendizagem. Identificar o papel do cérebro nos transtornos de aprendizagem.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
AZEVEDO, T. L. Psicopatologia da aprendizagem . São Paulo: Cengage Learning, 2015. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
BEAR, M. F. Neurociências: desvendando o sistema nervoso . 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
CORRÊA, M. S. Criança, desenvolvimento e aprendizagem . São Paulo: Cengage Learning, 2015. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
COSENZA, R. M. Neurociência e educação . Porto Alegre: Artmed, 2011. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
LENT, R. Neurociência da mente e do comportamento . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
ROTTA, N. T. (org.). Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar . 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BIZELLO, A. <i>et al.</i> (org.). Psicolinguística . Porto Alegre: SAGAH, 2020. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
FLETCHER, J. M. <i>et al.</i> Transtornos de aprendizagem: da identificação à intervenção . Porto Alegre: Artmed, 2009. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
FONSECA, V. Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem . Porto Alegre: Artmed, 2011. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
IZQUIERDO, Q. (org.). Neurobiologia dos transtornos psiquiátricos . Porto Alegre: Artmed, 2019. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
LEE, T. C. Neuroanatomia: Netter's currelative imaging . Rio de Janeiro: ThiemeBrazil, 2016. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
MENEZES, A. O. Atenção, memória e aprendizagem: aspectos teóricos e instrumentos de avaliação . São Paulo: Saraiva, 2021. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
NUTTI, J. Z. Neuropsicologia da infância e adolescência . São Paulo: Saraiva 2021. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
ROTTA, N. T. Neurologia e aprendizagem . Porto Alegre: Artmed, 2016. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS)		
ROTTA, N. T. Plasticidade cerebral e aprendizagem: abordagem multidisciplinar . Porto		



Alegre: Artmed, 2018. *E-book*. (Minha biblioteca/UFFS).

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 496 p.

Número de unidades de avaliação	01
---------------------------------	----



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1802	Práticas pedagógicas em saúde	30
EMENTA		
Estudos das funções educacionais formais e informais face a problemática da saúde, nos espaços educativos, ou relativas às sucessivas fases de desenvolvimento humano, visando a elevação dos níveis de saúde da população.		
OBJETIVO		
Oportunizar espaços para reflexões e debates críticos sobre a temática educação em saúde na perspectiva de construção de propostas articuladas aos processos de ensino.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CAMPOS, G. W. S. <i>et al.</i> (org.). Tratado de saúde coletiva . 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. 871 p		
CARSON, R. Primavera silenciosa . São Paulo, SP: Gaia, 2010. 327 p.		
FURLANI, J. Educação sexual na sala de aula : relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. São Paulo Autêntica 2011. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
GAZZINELLI, M. F. C.; REIS, D. C.; MARQUES, R. C. Educação em saúde : teoria, método e imaginação. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 166 p. <i>E-book</i> . (Minha biblioteca/UFFS).		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.		
BOFF, E. T. O.; ARAÚJO, M. C. P.; CARVALHO, G. S. (org.). Interações entre conhecimentos, valores e práticas na educação em saúde . Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2016. 204 p.		
SCLIAR, M. Do mágico ao social : trajetória da saúde pública. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2002. 160 p.		
Número de unidades de avaliação	01	



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCS085	Responsabilidade socioambiental	30
EMENTA		
Fundamentos da responsabilidade social: responsabilidade, obrigação e sensibilidade social. Marketing Social. Voluntariado. Terceiro Setor. Filantropia. Balanço Social. Sustentabilidade. Gestão Social. O meio ambiente. Poluição. Gestão de resíduos. Reciclagem. Sustentabilidade. Passivo ambiental. Impacto ambiental. Gestão Ambiental. Normas ISO E NBR, ambiental e de responsabilidade social. Projeto de responsabilidade socioambiental: diagnostico, planejamento estratégico de RSE. Tópicos Avançados em Gestão Socioambiental.		
OBJETIVO		
Desenvolver no estudante a capacidade de reflexão sobre as diferentes formas de perceber a responsabilidade social e ambiental de um ponto de vista crítico e problematizador.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ALMEIDA, J. R. de et al. Gestão Ambiental: planejamento, avaliação, implantação, operação e verificação. Rio de Janeiro: Thex, 2000.		
PAULI, G. Emissão zero. Porto Alegre: Edipuc, 1996.		
REIS, L. F. S. D. et al. Gestão ambiental em pequenas e médias empresas. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.		
TACHIZAWA, T. Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa. São Paulo: Atlas, 2002.		
TACHIZAWA, T. Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa: estratégias de negócios focadas na realidade brasileira. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2009.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BERLE, G. O empreendedor do verde. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1991.		
JACOBI, P. R. Ciência ambiental os desafios da interdisciplinaridade. São Paulo: Annblame, 1999.		
LANNA, A. E. L. Gerenciamento de bacia Hidrográfica: aspectos conceituais e metodológicos Brasília: IBAMA, 1995.		
PAULI, G. Upsizing. Porto Alegre: L&PM, 1999.		
VARGAS, H. C. Novos instrumentos de gestão ambiental urbana. São Paulo: EDUSO, 2001.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA608	O Papel da gramática na escola	30
EMENTA		
O papel da gramática na escola: problemas e propostas. Reflexões acerca do espaço da descrição gramatical em um ensino de línguas voltado para o uso linguístico.		
OBJETIVO		
Compreender o papel do ensino de gramática na educação básica, examinando problemas e diretrizes alternativas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental . Brasília: MEC / SEF, 1998.		
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio . Brasília: MEC / SEF, 2006.		
NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português . São Paulo: Editora da UNESP, 2000.		
PAULIUKONIS, M. A; GAVAZZI, S. (org.) Da língua ao discurso: reflexões para o ensino . Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.		
ROCHA, L. C. A. Gramática: nunca mais: ensino de língua padrão sem o estudo de gramática . São Paulo: Martins Fontes, 2002.		
VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). Ensino de gramática: descrição e uso . São Paulo: Contexto, 2007.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ANTUNES, I. Aula de português: encontro & interação . São Paulo: Parábola, 2003.		
BATISTA, A. A. G. Aula de português: discurso e saberes escolares . São Paulo: Martins Fontes, 1997.		
GERALDI, J. W. O texto na sala de aula . 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.		
POSSENTI, S. Por que (não) Ensinar Gramática na Escola . Campinas: Mercado de Letras, 1999.		
AZEREDO, C. (org.). Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino . Petrópolis: Vozes, 2000.		
BASTOS, N. B. (org.). Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino . São Paulo: Educ, 1998.		
CITELLI, A. Aprender e ensinar com textos não escolares . 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.		
NEVES, Maria Helena de Moura. Que gramática estudar na escola? norma e uso na língua portuguesa . 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.		
RICHTER, M. G. Ensino do português e interatividade . Santa Maria: UFSM, 2000.		
TRAVAGLIA, L. C. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática . 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA640	O texto como unidade de ensino de Língua Portuguesa	30
EMENTA		
O texto como unidade do ensino de língua portuguesa na educação básica.		
OBJETIVO		
Refletir sobre a proposta de um ensino de língua portuguesa centrado no texto.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio. Brasília: MEC / SEF, 2006. MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008. PAULIUKONIS, M. A; GAVAZZI, S. (org.) Da língua ao discurso: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004. VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ANTUNES, I. Análise de textos: fundamentos e práticas. SP: Parábola Editorial, 2010 KOCH, I. G. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2012. BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2009. BUNZEN, C. O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. Disponível em: http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/o_ensino_de_generos_ClecioBunzen.pdf. Acesso em: 15 fev. 2010. DIONÍSIO, A. P; BESERRA, N. S (org.) Tecendo textos, construindo experiências. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. GUIMARÃES, E. A articulação do texto. São Paulo: Ática, 1992. MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 495-517, set./dez. 2006. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/347/368. Acesso em: 15 dez. 2023 NASCIMENTO, E. (org.) Gêneros textuais: da didática aos objetos de ensino. São Carlos, SP: Claraluz, 2009. ROJO, R. Gêneros de discurso/ texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao <i>trivium</i>? In: SIGNORINI, I. (org.). [Re]Discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.73-108. SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA646	O ensino de Literatura na escola	30
EMENTA		
A leitura na escola: problemas e propostas. Reflexões acerca de tópicos relacionados ao ensino de leitura na educação básica.		
OBJETIVO		
Refletir sobre o ensino de leitura na educação básica, examinando problemas e possíveis diretrizes alternativas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
KLEIMAN, A. Texto e leitor : aspectos cognitivos da leitura. 12. ed. Campinas: Pontes, 2009.		
KLEIMAN, A. Leitura : ensino e pesquisa. 4. ed. Campinas: Pontes 2004.		
KLEIMAN, A.; MORAES, S. E. Leitura e interdisciplinaridade : tecendo redes nos projetos da escola. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2003.		
SILVA, E. T. da. Elementos de pedagogia da leitura . São Paulo: Martins Fontes, 2003.		
TEBEROSKY, A. (org). Compreensão de leitura : a língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed, 2003		
ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. Leitura : perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2004.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CORACINI, M. J. R. F. (org.). O jogo discursivo na aula de leitura : língua materna e língua estrangeira. Capinas: Pontes, 1995.		
KATO, M. A. O aprendizado da leitura . 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.		
KLEIMAN, A. Oficina de leitura : teoria e prática. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2000.		
KLEIMAN, A. Os Significados do letramento : uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.		
LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo . São Paulo: Ática, 2000.		
MATENCIO, M. de L. M. Leitura, produção de textos e a escola : reflexões sobre o processo de letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2000.		
MAGNANI, M. do R. M. Leitura, literatura e escola . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.		
ORLANDI, E. P. Discurso e Leitura . São Paulo: Cortez, 1988.		
ORLANDI, E. P. Interpretação : autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.		
PETIT, M. Os jovens e a leitura : uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.		
RÖSING, T. M. K. A formação do professor e a questão da leitura . Passo Fundo: Editora UPF, 1996. (Série didática).		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA651	Gêneros discursivos/textuais e ensino	30
EMENTA		
Gêneros textuais e gêneros discursivos: perspectivas teórica e metodológica. Gênero como objeto de ensino.		
OBJETIVO		
Promover a reflexão e o debate sobre o ensino de língua, a partir da perspectiva dos gêneros discursivos/textuais, tendo como base diferentes correntes teóricas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BAZERMAN, C. Gênero, agência e escrita . São Paulo: Cortez, 2006.		
DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). Gêneros textuais & ensino . 5.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.		
COPE, B.; KALANTZIS, M. (org.) The powers of literacy: a genre approach to teaching writing. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (org.). In introduction: How a Genre Approach to Literacy Can Transform the Way Writing is Taught . London: Taylor and Francis, 1993.		
KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.) Gêneros textuais: reflexões e ensino . 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.		
MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTA-ROTH, D.; (org.) Gêneros: teorias, métodos, debates . 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.		
SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola . Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BAZERMAN, C. Escrita, gênero e interação social . São Paulo: Cortez, 2007.		
BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação . São Paulo: Cortez, 2009.		
BUNZEN, C. O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna . [2004] Disponível em: http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/o_ensino_de_generos_ClecioBunzen.pdf . Acesso em: 15 fev. 2010.		
DIONÍSIO, A. P; BESERRA, Tecendo textos, construindo experiências . 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.		
MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais.		
MILLER, C. Rhetorical Community: the cultural basis of genre. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (ed.). Genre and the new rhetoric . London: Taylor & Francis, 1994, p. 67-68.		
NASCIMENTO, E. (org.) Gêneros textuais: da didática aos objetos de ensino . 1. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2009.		
ROJO, R. Gêneros de discurso/ texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao <i>trivium</i> ? In: SIGNORINI, I. (org.). [Re]Discutir texto, gênero e discurso . São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.73-108.		
SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros . 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Linguagem & educação)		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA668	Literatura e cinema	30
EMENTA		
Convergências e divergências entre a narrativa literária e cinematográfica. Os problemas do processo de “adaptação”. O roteiro cinematográfico como gênero literário.		
OBJETIVO		
Compreender as relações entre literatura e cinema como forma de adquirir conhecimento instrumental para a análise da narrativa em ambos os códigos, desenvolvendo olhar crítico sobre suas inter-relações.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
AUMONT, Jacques. As teorias dos cineastas . Campinas, SP: Papirus, 2004.		
GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas . São Paulo: Ática, 2002.		
MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica . Rio de Janeiro: Brasiliense, 2002.		
SEGER, Linda. A arte da adaptação: como transformar fatos e ficção em filme . São Paulo: Bossa Nova, 2007.		
VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica . 5. ed. Campinas: Papirus, 2008.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção . 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.		
DELEUZE, Gilles. A imagem-tempo . São Paulo: Brasiliense, 1990.		
EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme . Rio de Janeiro: Zahar, 1990.		
METZ, Christian. Linguagem e cinema . São Paulo: Perspectiva, 1980.		
RAMOS, Fernão Pessoa (org.). Teoria contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica . São Paulo: SENAC, 2005. v. 1.		
REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de teoria da narrativa . São Paulo: Ática, 1988.		
SCOTT, Kevin Conroy. Lições de roteiristas: roteiristas falam de seus filmes mais importantes . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.		
SEDLMAYER, Sabrina; MACIEL, Maria Esther (org.). Textos à flor da tela: relações entre literatura e cinema . Belo horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual; Faculdade de Letras da UFMG, 2004.		
STAM, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.		
XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema . Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilmes, 1983.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA562	Tópicos em ensino de literatura	30
EMENTA		
Estudo das diferentes abordagens teóricas e metodológicas a respeito do ensino de literatura na Educação Básica.		
OBJETIVO		
Discutir as práticas metodológicas de ensino de literatura na Educação Básica.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
A serem definidas pelo colegiado no semestre de oferta.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
A serem definidas pelo colegiado no semestre de oferta.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1732	Introdução à Filosofia	30
EMENTA		
A natureza e especificidade do discurso filosófico e sua relação com outros campos do conhecimento; principais correntes do pensamento filosófico; Fundamentos filosóficos da Modernidade. Tópicos de Ética e de Epistemologia		
OBJETIVO		
Refletir criticamente, através de pressupostos éticos e epistemológicos, acerca da modernidade.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ABBA, Giuseppe. História crítica da filosofia moral . São Paulo: Raimundo Lúlio, 2011. DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. Introdução à teoria da ciência . Florianópolis: EdUFSC, 2003. FRANCO, Irley; MARCONDES, Danilo. A Filosofia: O que é? Para que serve? São Paulo: Jorge Zahar, 2011. GALVÃO, Pedro (Org.). Filosofia: Uma Introdução por Disciplinas . Lisboa: Edições 70, 2012. (Extra Coleção). HESSEN, J. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. MARCONDES, Danilo. Textos básicos de ética . São Paulo: Zahar editores, 2009. VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. Ética . São Paulo: Civilização brasileira, 2005.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas . São Paulo: Editora da USP, 2000. GRANGER, Giles-Gaston. A ciência e as ciências . São Paulo: Ed. Unesp, 1994. HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos . O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. HORKHEIMER, MAX. Eclipse da razão . São Paulo: Centauro, 2002. JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio . 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007. NOBRE, M. (Org.). Curso Livre de Teoria Crítica . 1. ed. Campinas: Papirus, 2008. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia . 7. ed. São Paulo: Paulus, 2002. 3 v. SARTRE, Jean- Paul. Marxismo e existencialismo . In: Questão de método. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. SCHILLER, Friedrich. Sobre a educação estética . São Paulo: Herder, 1963. SILVA, Márcio Bolda. Rosto e alteridade: para um critério ético em perspectiva latinoamericana . São Paulo: Paulus, 1995.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA452	Ensino de espanhol para pessoas com deficiência visual	30
EMENTA		
O ensino de língua espanhola para pessoa com deficiência visual (PDV) na educação básica e nos demais espaços de ensino.		
OBJETIVO		
Abordar metodologias de ensino de língua espanhola para PDVs. Refletir sobre a implementação de audiodescrição em materiais didáticos. Analisar e criar materiais didáticos acessíveis para PDVs.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
FONTANA, Marcus Vinicius Liessem. A língua que não se vê: o processo de ensino-aprendizagem de espanhol mediado por computador para deficientes visuais. Dissertação Mestrado. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2009. Disponível em: http://pos.ucpel.edu.br/dissertacoes-pvgl/?action=download&file=L01lc3RyYWVRL-zIwMDkvQV9saW5ndWFfcXVlX25hb19zZV92ZS1NYXJjdXNfRm9udGFuYS5wZGY= LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel Pelotas [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010. Disponível em: http://www.espanholacessivel.ufc.br/oficinas%20para%20professores%20surdos.pdf MEDRADO, Betânia Passos (org). Deficiência Visual e ensino de línguas estrangeiras: políticas, formação e ações inclusivas. São Paulo: Pontes, 2014. MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para a leitura de mundo. São Paulo: Pontes, 2016. PAVÃO, Silvia Maria de Oliveira <i>et al.</i> (org). Aprendizagem e acessibilidade: travessias do aprender na Universidade. Santa Maria: UFSM, 2015. VERGARA-NUNES, Elton. AUDIODESCRIÇÃO DIDÁTICA. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/167796/341239.pdf?sequence=1&isAllowed=y		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BRASIL, Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009 [2012]. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949 BRASIL, Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei Brasileira de Inclusão. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm CONDE, Antônio João Menescal. Definindo a cegueira e a visão subnormal. 2005. Disponível em: http://www.ibc.gov.br/?itemid=944 DOMINGUES, Celma dos Anjos. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: os alunos com deficiência visual. Brasília: MEC; UFC, 2010. FONTANA, M. V. L.; VERGARA NUNES, E. L. Audioteca Virtual de Letras: tecnologia para inclusão. RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação. Porto Alegre, vol. 3,		



nº. 2, 2005. Disponível em: http://www.cinted.ufrgs.br/renote/nov2005/artigosrenote/a45_audioteca_virtual_de_letras_revisto.pdf. Acesso em: 12 fev. 2008.

MASINI, Elcie F. Salzano. **O perceber de quem está na escola sem dispor da visão**. São Paulo: Cortez: 2013.

MELO, Amanda Meincke. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: livro acessível e informática acessível**. Brasília: MEC; UFC, 2010.

SILUK, Ana Claudia Pavão (org). **Formação de professores para o atendimento educacional especializado**. Santa Maria: UFSM, 2011.

SILUK, Ana Claudia Pavão (org). **Atendimento educacional especializado: condições para a prática pedagógica**. Santa Maria: UFSM, 2014.

SILUK, Ana Claudia Pavão (org). **Atendimento educacional especializado: processos de aprendizagem na universidade**. Santa Maria: UFSM, 2014.

Número de unidades avaliativas: 1



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA480	Produção de textos acadêmicos	30
EMENTA		
Produção de textos acadêmicos.		
OBJETIVOS		
Praticar a produção de textos pertencentes a gêneros da esfera acadêmica.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CITELLI, A. O texto argumentativo . São Paulo: Scipione, 1994.		
ECO, U. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 1989.		
MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. Resenha . São Paulo: Parábola Editorial, 2004.		
MEDEIROS, J. B. Redação científica . São Paulo: Atlas, 2009.		
MOTTA-ROTH, D. (org.). Redação acadêmica : princípios básicos. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2001.		
SILVEIRA, D. MARTINS; ZILBERKNOP, L. S. Português Instrumental : de acordo com as atuais normas da ABNT. 27. ed. São Paulo: Atlas, 2010.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028 : Informação e documentação - resumos - apresentação. Rio de Janeiro, 2003.		
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023 : informação e documentação – referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.		
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520 : informação e documentação - citações - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.		
BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de comunicação escrita . 22. ed. São Paulo: Ática, 2006.		
VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade . São Paulo: Martins Fontes, 2006.		
COSTE, D. (org.). O texto : leitura e escrita. Campinas: Pontes, 2002.		
FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão. Oficina de texto . Petrópolis: Vozes, 2003.		
GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Técnica de redação : o que é preciso saber para bem escrever. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.		
KOCH, Ingedore G. V. O texto e a construção dos sentidos . 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.		
KOCH, Ingedore G. V. Desvendando os segredos do texto . São Paulo: Cortez, 2009.		
KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, V. M. Ler e escrever : estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.		
MOYSÉS, Carlos Alberto. Língua portuguesa : atividades de leitura e produção de texto. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.		
SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. Lições de texto : leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.		



SOUZA, Luiz Marques de; CARVALHO, Sérgio W. de. **Compreensão e produção de textos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Número de unidades avaliativas: 1



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA480	Produção de textos acadêmicos	30
EMENTA		
Produção de textos acadêmicos.		
OBJETIVOS		
Praticar a produção de textos pertencentes a gêneros da esfera acadêmica.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CITELLI, A. O texto argumentativo . São Paulo: Scipione, 1994.		
ECO, U. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 1989.		
MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. Resenha . São Paulo: Parábola Editorial, 2004.		
MEDEIROS, J. B. Redação científica . São Paulo: Atlas, 2009.		
MOTTA-ROTH, D. (org.). Redação acadêmica : princípios básicos. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2001.		
SILVEIRA, D. MARTINS; ZILBERKNOP, L. S. Português Instrumental : de acordo com as atuais normas da ABNT. 27. ed. São Paulo: Atlas, 2010.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de comunicação escrita . 22. ed. São Paulo: Ática, 2006.		
VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade . São Paulo: Martins Fontes, 2006.		
COSTE, D. (org.). O texto : leitura e escrita. Campinas: Pontes, 2002.		
FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão. Oficina de texto . Petrópolis: Vozes, 2003.		
GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Técnica de redação : o que é preciso saber para bem escrever. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.		
KOCH, Ingedore G. V. O texto e a construção dos sentidos . 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.		
KOCH, Ingedore G. V. Desvendando os segredos do texto . São Paulo: Cortez, 2009.		
KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, V. M. Ler e escrever : estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.		
MOYSÉS, Carlos Alberto. Língua portuguesa : atividades de leitura e produção de texto. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.		
SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. Lições de texto : leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.		
SOUZA, Luiz CARVALHO, Compreensão e produção de textos . Petrópolis: Vozes, 2002.		
SOUZA, Luiz Marques de; CARVALHO, Sérgio W. de. Compreensão e produção de textos . Petrópolis: Vozes, 2002.		
Número de unidades avaliativas: 1		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA576	Tópicos de estudo em literatura: gênero e sexualidade	30
EMENTA		
Estudo de gênero e sexualidade na literatura a partir de três eixos: a representação, a autoria e a perspectiva teórico-crítica.		
OBJETIVO		
Realizar exercícios de análise sobre gênero e sexualidade em obras literárias.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
A serem definidas pelo colegiado no semestre de oferta.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
A serem definidas pelo colegiado no semestre de oferta.		
Número de unidades avaliativas: 2		

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA577	Tópicos de estudo em literatura: relações étnico-raciais	30
EMENTA		
Estudo da produção de autores ligados às minorias étnico-raciais.		
OBJETIVO		
Realizar exercícios de análise de textos de autoria de escritores negros e indígenas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
A serem definidas pelo colegiado no semestre de oferta.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
A serem definidas pelo colegiado no semestre de oferta.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA436	Literatura brasileira: poesia	60
EMENTA		
Estudo da produção de poetas e de obras representativas da poesia brasileira das origens à contemporaneidade. Exclusões e inclusões: a poesia afro-brasileira e indígena.		
OBJETIVO		
Realizar exercícios de análise de obras poéticas da literatura brasileira tendo em vista a literatura como manifestação estética relacionada ao contexto artístico, cultural, histórico, social e ideológico.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BANDEIRA, Manuel. Apresentação da poesia brasileira . São Paulo: Cosac Naify, 2009.		
BOSI, Alfredo (org). Leitura de poesia . São Paulo: Ática, 2007. (Temas; literatura brasileira 59)		
BUENO, Alexei. Uma história da poesia brasileira . Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007.		
MOISES, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos . 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.		
MORICONI, Ítalo. Como e por que ler poesia brasileira do século XX . Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.		
SISCAR, Marcos. Poesia e crise: ensaios sobre a crise da poesia como topos da modernidade . Campinas, SP: Unicamp, 2010.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.		
BOSI, Alfredo. Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica . 3. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2010.		
BOURDIEU, Pierre. As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário . 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.		
DUARTE, Eduardo de Assis. (org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 4 v.		
GEBARA, Ana Elvira Luciano. A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças . São Paulo: Cortez, 2011.		
GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil . São Paulo: Mazza, 2013.		
MILOSZ, Czeslaw. O testemunho da poesia: seis conferências sobre as aflições de nosso século . Tradução, introdução e notas de Marcelo Paiva de Souza. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.		
MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.		
PERRONE-MOISÉS, Leyla. Inútil poesia e outros ensaios breves . São Paulo: Companhia das Letras, 2000.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA461	Fundamentos gramaticais de língua portuguesa	30
EMENTA		
Introdução aos estudos gramaticais. Organização frasal e pontuação. Relações morfosintáticas. Problemas de construção frasal.		
OBJETIVO		
Compreender e analisar a estrutura e o funcionamento da língua portuguesa. Empregar o conhecimento linguístico na modalidade escrita, observando-se aspectos de organização da frase, relações morfosintáticas e pontuação. Identificar problemas de construção frasal.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BASÍLIO, M. Formação e classes de palavras no português do Brasil . São Paulo: Contexto, 2004.		
BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa . 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.		
CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo . 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.		
LAROCA, M. N. de C. Manual de morfologia do português . Campinas; Juiz de Fora: Pontes; Ed. UFJF, 2003.		
HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. Dicionário Houaiss da língua portuguesa : com a nova ortografia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.		
NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português . São Paulo: Editora da UNESP, 2000		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BASÍLIO, M. Teoria Lexical . São Paulo: Ática, 2008.		
CÂMARA Jr., J. M. Estrutura da língua portuguesa . Petrópolis: Vozes, 2001.		
FRANCHI, C. Mas o que é mesmo gramática . São Paulo: Parábola, 2006.		
HENRIQUES, C. C. Morfologia . Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.		
ILARI, R.; NEVES, M. H. M. Gramática do português culto falado no Brasil I: Classes de palavras e processos de construção . Campinas: Ed. Unicamp, 2009.		
MACAMBIRA, J. R. A estrutura morfo-sintática do português . São Paulo: Pioneira, 1999.		
MIRA MATEUS, M. H. <i>et al.</i> Gramática da Língua Portuguesa . Lisboa: Caminho, 2003.		
PERINI, M. A. Princípios de Linguística Descritiva . São Paulo: Parábola, 2006.		
SAUTCHUK, I. Prática de morfosintaxe : como e por que aprender análise (morfo)sintática. São Paulo: Ed. Manole, 2006.		
TRAVAGLIA, L. C. Gramática : ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA663	Linguagem, discurso e subjetividade	30
EMENTA		
A concepção discursiva de sujeito. Processos de subjetivação. A individualização do sujeito na contemporaneidade.		
OBJETIVO		
Compreender os processos de constituição do sujeito.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem : problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2012.		
HAROCHE, C. Fazer dizer, querer dizer . São Paulo: Hucitec, 1992.		
HENRY, P. A ferramenta imperfeita : língua, sujeito e discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.		
ORLANDI, E. P. As formas do silêncio : no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.		
ORLANDI, E. P. Discurso e texto : formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.		
PÊCHEUX, M. Semântica e discurso : uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
DUMONT, L. O individualismo : uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.		
HAK, T.; GADET, F. (org.). Por uma análise automática do discurso : uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.		
HENRY, P. Sujeito, sentido, origem. In: ORLANDI, E. P. (org.) O discurso fundador . Campinas: Pontes, 1993.		
INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso : uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.		
MALDIDIER, D. A inquietação do discurso : (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.		
MARIANI, B. (org.). A escrita e os escritos : reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006.		
ORLANDI, E. P. (org.). Gestos de leitura : da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.		
ORLANDI, E. P. Análise de Discurso : princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.		
PÊCHEUX, M. O discurso : estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.		
ZIZEK, S. (org.). Um mapa da ideologia . Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.		
Número de unidades avaliativas: 2		





Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GLA346	Língua espanhola I	30
EMENTA		
Compreensão e produção de textos em língua espanhola em diferentes modalidades, suportes e esferas de circulação a partir de prática situada. Desenvolvimento do letramento crítico e da aproximação intercultural. Estudo de aspectos fonéticos, morfológicos e semântico-lexicais em nível inicial.		
OBJETIVOS		
Participar de atividades orais e escritas em diversas situações comunicativas e que contemplem vários gêneros de discurso articuladas à análise e sistematização de conhecimentos linguísticos da língua espanhola.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
ARAGONÉS, Luis; PALENCIA, Ramón. Gramática de uso del español : teoría y práctica. Madrid: Ediciones SM, 2005.		
FANJUL, Adrián (org.). Gramática y práctica de español para brasileños . 3. ed. São Paulo: Santillana, 2014.		
HERMOSO GONZÁLEZ, A; CUENOT, J.R; SÁNCHEZ ALFARO, M. Gramática de español lengua extranjera : curso práctico. Madrid: Edelsa, 2007.		
RAYA, A. <i>et al.</i> Gramática básica del estudiante de español . Barcelona: Difusión, 2010.		
JACOBI, Claudia; MELONE, Enrique; MENON, Lorena. Gramática en contexto : curso de gramática para comunicar. Madrid: Edelsa, 2011.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BRYAM, M.; M. FLEMING. Perspectivas interculturales en el aprendizaje de idiomas . Madrid: Cambridge university Press, 2001.		
CHOZAS, Diego; DORNELES, Flavia. Dificultades del español para brasileños . Madrid: SM, 2003.		
DOMÍNGUEZ, Pablo; BAZO; Plácido; HERRERA, Juana. Actividades comunicativas : entre bromas y veras. Madrid: Edelsa, 2011.		
EUGENIA, F.; ERES FERNÁNDEZ, G. Minidicionário espanhol/português -português/espanhol . São Paulo: Ática, 2008.		
GIL-TORESANO, Manuela (coord.). Agencia ELE Brasil : nivel básico (A1-A2). Madrid: SGEL, 2011.		
MILANI, E. M. Gramática de espanhol para brasileiros . 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
MOLINER, MARÍA. Diccionario de uso del español . Madrid: Gredos, 2009. <i>DVD</i>		
NADIN, Odair Luiz; LUGLI, Viviane Cristina Poletto (org.). Espanhol como língua estrangeira : reflexões teóricas e propostas didáticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.		
REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Ortografía de la lengua española . Madrid: Espasa, 2010.		
UNIVERSIDAD DE ALCALÁ DE HENARES. Señas diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños . 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.		
Número de unidades avaliativas: 2		



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH1798	Fundamentos do desenho técnico para educadores	60
EMENTA		
Instrumentos, técnicas, materiais, histórico e convenções do desenho técnico. Traçados a mão livre, com instrumentos convencionais e auxiliados por computador. Alfabetismo visual. Princípios de forma e desenho. Linguagem do desenho, e representação visual gráfica e espacial. Noções de geometria, perspectiva, ergonomia, escala, dimensionamento. Elaboração de modelos tridimensionais físicos e virtuais, de materiais didático-pedagógicos. Comunicação, imagem e fotografia.		
OBJETIVO		
Compreender os fundamentos do desenho e desenvolver o pensamento visual, a capacidade de visualização espacial, de utilização dos instrumentos e materiais, das técnicas e convenções do desenho, empregando a linguagem gráfico-visual e as noções de geometria, sistemas projetivos e não projetivos, ergonomia, escala, dimensionamento, para a fins de leitura, interpretação, registro de informações (suporte de memória ou documentação), representação visual gráfica e espacial, (re)elaboração das ideias em um dado substrato, resolução de problemas geométricos e produção de materiais didático-pedagógicos.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CARVALHO, B. A. Desenho geométrico. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967.		
DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Docência em formação. Ensino fundamental).		
FRENCH, T. E.; VIERCK, C. J. Desenho técnico e tecnologia gráfica. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.		
MONTENEGRO, G. A. A perspectiva dos profissionais: sombras - insolação - axonometria. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2010.		
MONTENEGRO, G. A. Inteligência visual e 3-D: compreendendo conceitos básicos da geometria espacial. São Paulo: Blucher, 2005. E-book. (Minha biblioteca/UFFS).		
SILVA, A. et al. Desenho técnico moderno. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006. E-book. (Minha biblioteca/UFFS).		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BARBOSA FILHO, A. N. Projeto e desenvolvimento de produtos. São Paulo: Atlas, 2009. E-book. (Minha biblioteca/UFFS).		
CRUZ, M. D. Projeções e perspectivas para desenhos técnicos. São Paulo: Erica, 2014. E-book. (Minha biblioteca/UFFS).		
FLORES, C. R. Olhar, saber, representar: sobre a representação em perspectiva. São Paulo: Musa Editora, 2007.		
JANUÁRIO, A. J. Desenho geométrico. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010. (Série Didática)		
REBELLO, Y. C. P. Conceituação dos fenômenos físicos que ocorrem nos sistemas estruturais. In: REBELLO, Y. C. P. A concepção estrutural e a arquitetura. São Paulo: Ziguarte, 2000. p. 21-33. Disponível em:		



https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7589558/mod_resource/content/1/Rebello%2C%20Yopanan.%20A%20Concepcao%20Estrutural%20e%20a%20Arquitetura.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

SPECK, H. J.; PEIXOTO, V. V. Manual básico de desenho técnico. 5. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

WONG, W. Princípios de forma e desenho. Tradução: Alvamar Helena Lamparelli. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5253736/mod_resource/content/1/Livro_Principios_de_Forma_e_Desenho_Wuci.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

Número de unidades de avaliação: 02



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH2312	Educação para as Relações Étnico-raciais	30
EMENTA		
História e Cultura Africana e Afro-brasileira. História e culturas dos povos indígenas. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais na educação básica. Políticas de reparações e de reconhecimento. Currículo escolar antirracista.		
OBJETIVO		
Reconhecer a educação para as relações étnico-raciais como possibilidade para a construção de currículos escolares antirracistas.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
CANDAU, Vera (Org.). Educação Intercultural e cotidiano escolar . Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.		
GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação . Petrópolis: Vozes, 2017.		
MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira . 2. ed., 7a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022. (Minha Biblioteca/UFFS).		
RIVAIR, Macedo, José. História da África . 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023. (Minha biblioteca/UFFS).		
SOUZA, Fábio Feltrin de; BITTENCOURT, Zoraia Aguiar (org). As relações étnico-raciais na sala de aula: propostas pedagógicas . Tubarão/SC: Copiart, 2016.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BENTO, Maria Aparecida Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público . São Paulo: CEERT, 2022.		
BRASIL. Parecer CNE Nº 3/2004 . Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: BRASIL. Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Parecer CNE Nº 3/2004. Acesso em: 29 mai. 2026.		
CAGNETI, Sueli de Souza; SILVA, Cleber Fabiano da. Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África . Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013. (Minha Biblioteca/UFFS).		
CANDAU, Vera (Org.). Reinventar a escola . 9. ed Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.		
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo . 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.		
PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista . São Paulo:		



Planeta, 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das relações étnico-raciais e a formação de professores. *In: Revista Educação & Sociedade*, v. 24, n. 83, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/h5n5B78LkcMTWxWbc95t5BF/?format=html&lang=pt>
Acesso em: 29 mai. 2026.

Número de unidades avaliativas: 1



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas	
		Presenciais	
GCH2313	Jogos e brincadeiras na infância	30	
EMENTA			
Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras no ensino como constitutivos para a construção da aprendizagem nos vários campos de conhecimentos.			
OBJETIVOS			
Compreender a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras na aprendizagem da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em seus aspectos conceituais e metodológicos para o desenvolvimento humano em seus espaços de educação e lazer.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ANTUNES, Celso. O jogo e a Educação Infantil : falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.			
CABRAL, Fátima. Jogos eletrônicos: técnica ilusionista ou emancipadora? Revista USP . N 35. Nov, 1997. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26924 Acesso em: 30 out. 2023.			
CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. Estudos e Pesquisas em Psicologia . Vol. 7, n. 1. UERJ, RJ, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000100009&script=sci_abstract Acesso em: 30 out. 2023.			
BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação . São Paulo: Editora 34, 2002.			
FREIRE, João Batista; VENÂNCIO, Silvana (org.). O jogo dentro e fora da escola . Campinas: Autores Associados, 2005.			
VYGOTSKY, Lev Semionovitch. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente : o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Sobre brinquedo e infância: Aspectos da experiência e da cultura do brincar. Educação e Sociedade . v. 27, n. 95, p. 541-551, maio/ago. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000200011 . Acesso em: 30 out. 2023.			
ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (org.). Brincadeira de papéis sociais na educação infantil : as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin. São Paulo: Xamã, 2006.			
GARDNER, Howard. A criança Pré-Escolar : como pensa e como a escola pode ensiná-la. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.			
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação . São Paulo: Cortez, 2023. (Ebook Minha Biblioteca).			
MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícole; PASSOS, Norimar Christe. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar . Porto Alegre: Artmed, 2011. (Minha Biblioteca – Ebook.)			



MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano, do patriarcado à democracia. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Número de unidades avaliativas: 1



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas
GCH2315	Políticas de avaliação na Educação Básica	30
EMENTA		
Fundamentos das políticas de avaliação na Educação Básica. Avaliações externas em larga escala: concepções, objetivos, instrumentos e indicadores. Impactos das avaliações externas no currículo, na gestão escolar e nos processos de ensino e aprendizagem. Avaliação institucional participativa como estratégia de diagnóstico, planejamento, melhoria da qualidade da educação e fortalecimento da gestão democrática da escola. Desafios e perspectivas das políticas de avaliação na promoção da equidade e da qualidade educacional.		
OBJETIVOS		
Compreender os fundamentos, as concepções e as políticas de avaliação na Educação Básica, analisando os processos de avaliação externa e institucional, seus impactos sobre o currículo, a gestão escolar e as práticas pedagógicas, bem como suas contribuições para a qualidade da educação, a equidade e o fortalecimento da gestão democrática da escola.		
REFERÊNCIAS BÁSICAS		
AMARAL, Daniela Lucas da; TOLENTINO-NETO, Luiz Caldeira Brant de; AMESTOY, Micheli Bordoli. Avaliações externas na educação básica: contextos, políticas e desafios . São Paulo: Cortez Editora, 2023.		
LAHAM, Stelamary Aparecida Despincieri; BRANDÃO, Carlos da Fonseca (org.). As políticas públicas educacionais no contexto dos estudos comparados . Marília: Oficina Universitária, 2025.		
LAVAL, Chistian. A escola não é uma empresa . São Paulo: Boitempo, 2019.		
LAVOR, Daniel. Modelo Teórico para Avaliação de Políticas de Educação Básica no Brasil . Curitiba: Editora Appris, 2025.		
PARENTE, Cláudia da Mota Darós <i>et al.</i> Políticas públicas para a educação básica: avanços, desafios e perspectivas . Marília: Oficina Universitária, 2021.		
SILVA, Aldine Nogueira da. Avaliação na educação básica . São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2023.		
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES		
BAUER, A.; PIMENTA, C. O.; HORTA, J. L.; NETO, & SOUSA, S. Z. L. Avaliação em larga escala em municípios brasileiros: O que dizem os números? Estudos em Avaliação Educacional , 26(62), 326-352, 2015. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/3207 Acesso em 02/06/2026.		
DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal . M. Echalar, Trad., 1 ed. Editora Boitempo, 2016.		
DIAS, Elisângela Teixeira Gomes. Políticas de Avaliação em larga escala da Educação Básica: revisão da liter. Linguagens, Educação e Sociedade , n. 28, p. 17-42, 2013. Disponível em : https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1361 Acesso em 02/06/2026.		
RAVITCH, D. Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação . Tradução de Marcelo Duarte. Porto Alegre: Sulinas, 2011.		



RICHTER, Leonice Matilde; SILVA, Maria V.. O IDEB e seus efeitos na organização do trabalho escolar. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 37, n. 1, p. 327-350, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/105962> Acesso em 02/06/2026.

SOUZA, Allan Solano; FRANÇA, Magna; ANDRADE, Maria Edgleuma de (org.). **Políticas de educação básica, avaliações de sistemas e financiamento**: volume 2. Brasília, DF: ANPAE, 2022. Livro digital. Disponível em: <https://www.seminariosregionaisanpae.net.br> Acesso em 02/06/2026.

Número de unidades avaliativas: 1



9. PROCESSO DE GESTÃO DO CURSO

O processo pedagógico e de gestão do curso de Pedagogia - Licenciatura orienta-se pelos princípios e normas estabelecidos pela UFFS. Sob essa orientação, deverá conceber a instituição escolar e seus sujeitos como co-formadores, envolvendo-os em todas as etapas dos processos formativos, na elaboração, no desenvolvimento e na avaliação do projeto formativo.

Caberá à coordenação do curso, junto ao Colegiado, a realização de reuniões para planejamento e avaliação permanente do curso. Além do Colegiado, destaca-se na gestão do curso o Núcleo Docente Estruturante, composto por docentes que atuam no curso, com a função consultiva e propositiva para apreciação e deliberação do colegiado, responsável pelo processo de concepção, consolidação e contínua atualização do Projeto Pedagógico do Curso. O funcionamento do NDE segue as normativas vigentes da instituição quanto às suas atribuições, composição e funcionamento, assim como o Colegiado do Curso segue também ao seu Regimento interno.

9.1. DO COLEGIADO DE CURSO

E, de acordo com a Resolução nº 2/CONSUNI/CGAE 2017, constituem diretrizes de gestão pedagógica em termos de Colegiado de Curso:

I - A organização colegiada, envolvendo representantes da comunidade acadêmica e da comunidade regional (quando for o caso), executada por um coordenador e seu adjunto, cuja composição e atribuições encontram-se definidas no Regulamento de Graduação;

II - A preocupação com a qualificação do planejamento e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem, vinculados aos princípios da formação docente e aos saberes necessários ao exercício profissional na Educação Básica pública em sua respectiva área do conhecimento;

III - A intensificação das atividades de planejamento e de avaliação nos colegiados de curso, especialmente na definição e organização da pesquisa e da extensão, da prática como componente curricular e dos estágios e na articulação destas atividades com a escola e a comunidade, com a formação continuada e com a pós-graduação;

IV - Diálogo permanente com os fóruns dos domínios curriculares e das coordenações de estágio e de TCC, com o Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) e com os setores e comissões específicos da universidade (SAE, Acessibilidade, PIN, etc.);

V - Ênfase nas estratégias de inserção dos novos estudantes no contexto do curso e da universidade, envolvendo os processos de socialização, de identificação de dificuldades de



aprendizagem e a oferta de oportunidades de recuperação da aprendizagem;

VI - Ênfase na promoção de estratégias para o fortalecimento da relação com os egressos e que contribuam com a qualificação da formação inicial e a organização das ações voltadas para a formação continuada.

Em especial, o Colegiado do Curso será composto de acordo com o regulamento da Graduação vigente e o Regimento interno do Curso e tem a função de deliberar sobre todas as decisões no que se refere às questões político-pedagógico e ao planejamento do Curso para atender os processos de ensino, de pesquisa e de extensão e cultura. Cabe ao Colegiado propor ações necessárias à qualificação do processo de ensino e aprendizagem, promover a interdisciplinaridade e a efetivação da extensão curricular e todas as atribuições conferidas pelas normatizações institucionais.

9.2 DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Constituem-se diretrizes de gestão pedagógica dos cursos de licenciatura no âmbito dos Núcleos Docentes Estruturante:

I - Acompanhamento, avaliação e proposição de ações que subsidiem as decisões do colegiado e qualifiquem a proposta pedagógica e os processos formativos do respectivo curso;

II - Acompanhamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão e a avaliação de suas relações com o perfil profissional, o reconhecimento do público-alvo, os problemas de evasão e retenção, entre outros, no âmbito do Projeto Pedagógico do Curso;

III - Integração com os demais NDEs dos cursos de licenciatura ofertados em um mesmo *campus*, entre os cursos de uma mesma área do conhecimento ofertados em *campi* distintos e entre o conjunto das licenciaturas da Instituição.

9.3 O PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES DOCENTES

Para o processo de planejamento docente, a UFFS disponibiliza o Plano Individual Docente (PID) que é preenchido anualmente pelos docentes do curso no SIGA-A e encaminhado para análise da Coordenação Acadêmica, sendo, posteriormente, homologado no Conselho de *Campus*. Nesse documento, o professor descreve detalhadamente as suas atividades referentes aos seguintes itens: atividades de ensino, de pesquisa e extensão, formação docente, atividades de administração/gestão universitária, atividades em colegiados e comissões temporárias.



Além desse planejamento geral, há o planejamento semestral de cada componente curricular, apresentado pelo docente no Plano de Curso desenvolvido para cada um dos componentes curriculares que ministrará durante o semestre, composto pelos seguintes elementos: objetivo do curso, ementa, objetivos geral e específicos, conteúdos programáticos e respectivos procedimentos didáticos, avaliação, referências bibliográficas básicas e complementares. O Plano de Curso é apresentado pelo professor do componente curricular ao colegiado do Curso, que tem a incumbência de aprová-lo.

O Curso de Pedagogia - Licenciatura organiza-se pedagogicamente observando focos formativos que concentram os níveis, ao longo do curso. Estes focos formativos se constituem transversalmente por meio dos CCRs impulsionando o planejamento pedagógico e compõem os *Seminários de Estudos Integradores e Práticas Interdisciplinares*, conforme explicitado no item 8 deste documento.



10 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO

A avaliação da qualidade do Curso de Pedagogia - Licenciatura e do desempenho dos estudantes dar-se-á, prioritariamente, pela Avaliação Institucional. Essa avaliação, na UFFS, é desenvolvida por três processos, a saber:

a) Avaliação externa: realizada por comissões de especialistas designadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, tem como referência os padrões de qualidade para a Educação Superior expressos nos instrumentos de avaliação oficial do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. Para essa etapa, o curso disponibilizará os relatórios com os resultados das auto avaliações, sistematicamente aplicadas a todos os segmentos (discentes, docentes e técnicos administrativos) envolvidos nas atividades semestrais;

b) Avaliação interna: também denominada de auto avaliação será coordenada pela Comissão Própria de Avaliação – CPA, criada e constituída institucionalmente a partir do que estabelece a Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Orientada pelas diretrizes e pelo roteiro de auto avaliação institucional, propostos pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES, bem como por instrumentos próprios que contemplem as especificidades da Universidade, essa comissão acompanhará a qualidade das atividades desenvolvidas no Curso de Pedagogia - Licenciatura e o desempenho dos estudantes;

c) Auto avaliação do Curso: coordenada pela Comissão de Auto Avaliação do Curso (CAAC), tal instância do processo avaliativo contempla a participação dos docentes e discentes de modo a averiguar o andamento do curso em diferentes aspectos inerentes ao PPC, com objetivo de subsidiar o próprio replanejamento das atividades pedagógicas, a partir da avaliação do corpo docente, corpo discente, da estrutura física em que são realizadas as atividades acadêmicas, do desenvolvimento do projeto pedagógico do curso quanto ao desenvolvimento do ensino (presencial e em EaD), das práticas, dos estágios, das atividades curriculares complementares e das relações do curso com a comunidade universitária e externa. Estas últimas constituem um olhar avaliativo sobre as atividades de extensão realizadas com o protagonismo dos estudantes, de modo a aperfeiçoá-las e fortalecer a atuação do curso em direção ao atendimento ao previsto no Plano Nacional de Educação e demais normativas relacionadas à articulação da extensão ao ensino e à pesquisa, principalmente. Tal estratégia de auto avaliação será realizada anualmente, sob coordenação da Comissão de Auto Avaliação do Curso, composta por, pelo menos, dois membros do Colegiado de Curso, por discentes dos diferentes níveis do curso e pela Coordenação do Curso. O processo de auto avaliação do Curso será realizado por meio de coleta de dados e



através de formulários eletrônicos e de seminários de avaliação com a participação de discentes, docentes e de convidados da comunidade universitária e externa. Após a obtenção dos resultados finais do processo de auto avaliação do Curso de Pedagogia - Licenciatura, a Comissão de Auto avaliação elabora um relatório sobre o processo de avaliação, a ser apreciado pelo Colegiado de Curso.

No conjunto, esses processos avaliativos constituem um sistema que permite a visualização integrada das diversas dimensões enfocadas pelos instrumentos aplicados, oferecendo elementos à reflexão, à análise e aos planejamentos institucional e do curso, assim como o replanejamento das ações, visando subsidiar o alcance dos objetivos estabelecidos pelo Curso de Pedagogia – Licenciatura.



11 PERFIL DOCENTE (competências, habilidades, comprometimento, entre outros) E PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO

Observadas as orientações legais para a docência em nível superior, o professor do Curso de Pedagogia – Licenciatura deve, obrigatoriamente, ser aprovado em Concurso Público de provas e títulos, correspondendo à titulação mínima estabelecida na legislação vigente. Em termos mais específicos, o perfil docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFFS – *Campus* Cerro Largo deve estar pautado nas seguintes características: a) formação *stricto sensu* em uma das áreas de conhecimento que compõem a estrutura curricular do curso; b) capacidade de articular a prática aos conhecimentos teóricos que dizem respeito à formação de professores; c) visão crítica da realidade e das necessidades da educação contemporânea; d) capacidade de mobilizar o discente para uma ação prático-reflexiva no processo de ensino e aprendizagem e no contexto social no qual está inserido; e) capacidade de interagir, dialogar, propor questionamentos, socializar conhecimentos e examinar criticamente saberes, atentando inclusive para a articulação dos três domínios formativos do currículo; f) capacidade de propor, fomentar e realizar práticas interdisciplinares com o intuito de articular diferentes saberes e práticas; g) competência para orientar os discentes nas diversas atividades desenvolvidas na UFFS, sejam elas de ensino, de pesquisa ou de extensão, relacionando teoria e prática; h) capacidade de articular atividades de pesquisa, ensino e extensão; i) domínio de novas tecnologias pertinentes aos processos de ensino e de aprendizagem; j) busca constante de qualificação profissional e formação continuada.

O docente envolvido no projeto da UFFS, instituição pública e popular, é um mediador do processo de aprendizagem e deve observar o compromisso social em sua atividade profissional. O pressuposto básico, no contexto curricular institucional, é de que não é possível tratar satisfatoriamente a problemática educacional e a escolarização, sem fazer considerações acerca de sua historicidade e vinculação com fenômenos sociais e culturais mais amplos. Por isso, o entendimento e a sensibilidade acerca da realidade sociocultural da Mesorregião da Fronteira Sul, do Noroeste Rio Grandense e da Região das Missões, assumem papel de destaque, pois os docentes estarão vinculados a uma realidade concreta e que se expressa no conjunto dos estudantes do próprio Curso.

Neste sentido, a gestão do curso observará com cuidado a política de formação profissional para a docência universitária em âmbito institucional e por meio do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP), poderá mobilizar o coletivo docente, priorizando a sua participação ativa em processos formativos voltados à qualificação da ação educativa no Curso, e visando o aperfeiçoamento didático-pedagógico por meio de eventos e atividades de atualização que



auxiliem na qualificação da prática docente, bem como no desenvolvimento das atividades correlatas de ensino, pesquisa e extensão e cultura.



12 QUADRO DE PESSOAL DOCENTE

Nesta parte, apresenta-se a relação dos docentes, sua vinculação aos Componentes Curriculares, titulação, carga horária e Súmula do *Curriculum Vitae*.

Quadro 19: Docentes do *Campus* Cerro Largo que atuam no Curso de Pedagogia - Licenciatura

Domínio/Componente Curricular	Professor	Titulação	Regime de Trabalho	Súmula do currículo
1º Nível				
Específico/Pedagogia e formação de professores	Neusete Machado Rigo	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/FAFI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/3927695478686758
Comum/Informática básica	Reneo Pedro Prediger	Dr	40DE	Graduação: Engenharia Agrônômica/UPF Mestrado: Ciência da Computação/UFRGS Doutorado: Desenvolvimento Regional/UNIJUI Lattes: http://lattes.cnpq.br/7326249072472320
Comum/Introdução ao Pensamento Social	Maria Alice Canzi Ames			Graduação: Ciências Sociais/PUCRS Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Sociologia/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9052517880394762
Conexo/Fundamentos históricos, filosóficos e sociológicos da educação	Livio Osvaldo Arenhart	Dr	40DE	Graduação: em Filosofia/UNIJUI e Pedagogia/FAFIMC Mestrado: Filosofia/PUCRS Doutorado: Filosofia/PUCRS Pós-doutorado em Educação/UNIJUI Lattes: http://lattes.cnpq.br/7776408703306828
Conexo/ Políticas educacionais	Salete Oro Boff	Dra	40h	Graduação: Letras - UNIJUI - 1987; Direito - UNIJUI - 1992. Mestrado: Direito - UNISINOS - 2000. Doutorado: Direito - UNISINOS - 2005. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9964386845761903
Específico/Educação e infância	Deniz Alcione Nicolay	Dr	40DE	Graduação: Pedagogia/UFRGS Mestrado: Educação/UFRGS Doutorado: Educação/UFRGS Pós-doutorado: Educação/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/3584853627711259
2º Nível				
Conexo/Fundamentos pedagógicos da educação	À definir			Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXX Lattes: XXXX
Conexo/Iniciação à prática científica	À definir			Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXX Lattes: XXXX



Domínio/Componente Curricular	Professor	Titulação	Regime de Trabalho	Súmula do currículo
Específico/Psicologia do desenvolvimento infantil	Livio Osvaldo Arenhart	Dr	40DE	Graduação: em Filosofia/UNIJUI e Pedagogia/FAFIMC Mestrado: Filosofia/PUCRS Doutorado: Filosofia/PUCRS Pós-doutorado: Educação/UNIJUI Lattes: http://lattes.cnpq.br/7776408703306828
Comum/ Produção textual acadêmica	À definir			Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXX Lattes: XXXX
Específico/Organização pedagógica na educação Infantil	Sandra Vidal Nogueira	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/UNIJUI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/PUCRS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9546447802670107
Específico/Seminário I - Estudos integradores e práticas interdisciplinares: introdutório	Sandra Vidal Nogueira	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia /PUCSP Mestrado: Educação/PUCSP Doutorado: Educação/PUCSP Pós-doutorado: Direito/URI Lattes: http://lattes.cnpq.br/1164669318007879
3º Nível				
Conexo/Fundamentos do ensino e da aprendizagem	Judite Wenzel	Dra	40DE	Graduação: Química - licenciatura/UFSM Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação nas Ciências/UNIJUI Lattes: http://lattes.cnpq.br/1046786613009478
Específico/Currículo e didática: processos de planejamento e avaliativos	Sandra Vidal Nogueira	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia /PUCSP Mestrado: Educação/PUCSP Doutorado: Educação/PUCSP Pós-doutorado: Direito/URI Lattes: http://lattes.cnpq.br/1164669318007879
Específico/Educação em ciências humanas I	Edemar Rotta	Dr	40DE	Graduação: Filosofia/FAFI Mestrado: em Sociologia/UFRGS Doutorado: em Serviço Social/PUCRS Pós-doutorado em Serviço Social/PUCRS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9661112584933921
Específico/Educação em linguagens I	Neusete Machado Rigo	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/FAFI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/UFSM Lattes: http://lattes.cnpq.br/3927695478686758
Específico/Educação em ciências da natureza I	Rosemar Ayres dos Santos			Graduação: Licenciatura Física/UFSM Mestrado: Educação/UFSM Doutorado: Educação/UFSM Lattes: http://lattes.cnpq.br/0438370356373868
Conexo/Estágio curricular supervisionado: gestão escolar	À definir			Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXX Lattes: XXXX
4º Nível				



Domínio/Componente Curricular	Professor	Titulação	Regime de Trabalho	Súmula do currículo
Específico/Estágio curricular supervisionado: educação infantil I	Sandra Vidal Nogueira	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia /PUCSP Mestrado: Educação/PUCSP Doutorado: Educação/PUCSP Pós-doutorado: Direito/URI Lattes: http://lattes.cnpq.br/1164669318007879
Específico/História da educação brasileira	Deniz Alcione Nicolay	Dr	40DE	Graduação: Pedagogia/UFRGS Mestrado: Educação/UFRGS Doutorado: Educação/UFRGS Pós-doutorado: Educação/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/3584853627711259
Específico/Educação em linguagens II	Deniz Alcione Nicolay	Dr	40DE	Graduação: Pedagogia/UFRGS Mestrado: Educação/UFRGS Doutorado: Educação/UFRGS Pós-doutorado: Educação/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/3584853627711259
Específico/Educação em matemática I	à definir	Dra	40DE	Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXXX Link Lattes: XXXXX
Específico/Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de língua portuguesa	Ana Cecília Teixeira Gonçalves	Dra	40DE	Graduação: Letras/UFSM Mestrado: Letras/UFSM/ Doutorado: Letras/UFSM Lattes: http://lattes.cnpq.br/9941346597163409
Específico/ Psicolinguística	Caroline Mallmann Schneiders	Dr	40DE	Graduação: Letras/UFSM Mestrado: Letras/UFSM Doutorado: Letras/UFSM Lattes: http://lattes.cnpq.br/4193930441513869
Específico/Educação em Ciências da Natureza II	Rosângela Inês Matos Uhman			Graduação: Ciências/UNIJUI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação nas Ciências/UNIJUI Lattes: http://lattes.cnpq.br/4842408797839388
Específico/Seminário II - Estudos integradores e práticas interdisciplinares: aprofundamento	Neusete Machado Rigo	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/FAFI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/UFSM Lattes: http://lattes.cnpq.br/3927695478686758
5º Nível				
Específico/Estágio Curricular Supervisionado: educação infantil II	Deniz Alcione Nicolay	Dr	40DE	Graduação: Pedagogia/UFRGS Mestrado: Educação/UFRGS Doutorado: Educação/UFRGS Pós-doutorado: Educação/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/3584853627711259
Específico/Educação em Linguagens III	Neusete Machado Rigo	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/FAFI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/UFSM Lattes: http://lattes.cnpq.br/3927695478686758
Específico/Educação em Ciências Humanas II	Maria Alice Canzi Ames	Dra	40DE	Graduação: Ciências Sociais/PUCRS Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Sociologia/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9052517880394762



Domínio/Componente Curricular	Professor	Titulação	Regime de Trabalho	Súmula do currículo
Específico/Educação em Matemática II	à definir			Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXXX Lattes: xxxxxx
Conexo/Educação inclusiva	Cleusa Inês Ziesmann	Dra	40DE	Graduação em Pedagogia/UNIJUI Mestrado em Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado em Educação/PUCRS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9546447802670107
Específico/Literatura infantil e juvenil	Demétrio Alves Paz	Dra	40DE	Graduação: Letras/UFRGS Mestrado: Letras/UFRGS Doutorado: Letras/ PUCRS Lattes: http://lattes.cnpq.br/2272620373111968
Específico/Educação: mídias e tecnologias digitais	Paula Bervian	Dra	40DE	Graduação: Ciências Biológicas/PUCRS Mestrado: Biologia/Univale Doutorado: Educação nas Ciências/UNIJUI Lattes: http://lattes.cnpq.br/8112449664181739
	Marcus Vinícius Liessem Fontana	Dr	40DE	Graduação: Língua espanhola e Literaturas/UFPeI Mestrado: Linguística aplicada/UCPel Doutorado: Educação/UFSM Pós-doc:Linguística aplicada/UCPel Lattes: http://lattes.cnpq.br/0148962230603842
6º Nível				
Conexo/Prática de Ensino: Pesquisa em Educação	à definir			Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXXX
Específico/Ética contemporânea e educação	Lívio Osvaldo Arenhart	Dr	40DE	Graduação: em Filosofia/UNIJUI e Pedagogia/FAFIMC Mestrado: Filosofia/PUCRS Doutorado: Filosofia/PUCRS Pós-doutorado: Educação/UNIJUI Link Lattes: http://lattes.cnpq.br/7776408703306828
Específico/Sociologia da Educação	Edemar Rotta	Dr	40DE	Graduação: Filosofia/FAFI Mestrado: em Sociologia/UFRGS Doutorado: em Serviço Social/PUCRS Pós-doutorado em Serviço Social/PUCRS
Específico/Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	Cleusa Inês Ziesmann	Dra	DE	Graduação; Pedagogia/UNIJUI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/PUCRS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9546447802670107
Específico/Estágio Curricular Supervisionado: anos iniciais I	Neusete Machado Rigo	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/FAFI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/UFSM Lattes: http://lattes.cnpq.br/3927695478686758



Domínio/Componente Curricular	Professor	Titulação	Regime de Trabalho	Súmula do currículo
Específico/Teorias do currículo: conhecimento e cultura	Deniz Alcione Nicolay	Dr	40DE	Graduação: Pedagogia/UFRGS Mestrado: Educação/UFRGS Doutorado: Educação/UFRGS Pós-doutorado: Educação/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/3584853627711259
Específico/Seminário III - Estudos integradores e práticas interdisciplinares: avançado	Cleusa Inês Ziesmann	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/UNIJUI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/PUCRS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9546447802670107
7º Nível				
Conexo/Temas contemporâneos e educação	Maria Alice Canzi Ames	Dra	40DE	Graduação: Ciências Sociais/PUCRS Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Sociologia/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9052517880394762
Comum/História da fronteira sul	Bedati Aparecida Finokiet	Mestra	40DE	Graduação: História/URI Mestrado: Educação/UNIJUI Doutorado: - Lattes: http://lattes.cnpq.br/1414064305485548
Específico/Trabalho de Conclusão de Curso I	Atividade individual			
Específico/Organização do trabalho pedagógico escolar: gestão, coordenação e orientação educacional	Livio Osvaldo Arenhart	Dr	40DE	Graduação: em Filosofia/UNIJUI e Pedagogia/FAFIMC Mestrado: Filosofia/PUCRS Doutorado: Filosofia/PUCRS Pós-doutorado: Educação/UNIJUI Lattes: http://lattes.cnpq.br/7776408703306828
Específico/Estágio curricular supervisionado: anos iniciais II	Cleusa Inês Ziesmann	Dra	DE	Graduação: Pedagogia/UNIJUI Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUI Doutorado: Educação/PUCRS Link Lattes: http://lattes.cnpq.br/9546447802670107
Específico/Políticas Educacionais e Curriculares para Educação Infantil e Anos Iniciais	Sandra Vidal Nogueira	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia /PUCSP Mestrado: Educação/PUCSP Doutorado: Educação/PUCSP Pós-doutorado: Direito/URI Lattes: http://lattes.cnpq.br/1164669318007879
8º Nível				
Específico/Trabalho de Conclusão de Curso II	Atividade individual			
Comum/Direitos e Cidadania	Serli Genz Bölter	Dra	40h/DE	Graduação: Direito/UNIJUI Mestrado: Educação/UNIJUI Doutorado: Sociologia/UFRGS Pós-doc: Direito/UFSC e Ciências Humanas/UFSC Lattes: http://lattes.cnpq.br/6517869430918418
Comum/Meio Ambiente Economia e Sociedade	À definir			Graduação: XXXXX Mestrado: XXXX Doutorado: XXXXX



Domínio/Componente Curricular	Professor	Titulação	Regime de Trabalho	Súmula do currículo
Específico/Educação Popular e ação Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos	Maria Alice Canzi Ames	Dra	40DE	Graduação: Ciências Sociais/PUCRS Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUÍ Doutorado: Sociologia/UFRGS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9052517880394762
Específico/Educação Especial na perspectiva da Inclusão	Cleusa Inês Ziesmann	Dra	40DE	Graduação: Pedagogia/UNIJUÍ Mestrado: Educação nas Ciências/UNIJUÍ Doutorado: Educação/PUCRS Lattes: http://lattes.cnpq.br/9546447802670107



13 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA AO CURSO

A UFFS *campus* Cerro Largo oferece uma infraestrutura física com equipamentos e materiais para atendimento das necessidades de seus discentes, docentes e comunidade regional. São diferentes ambientes destinados ao ensino, à pesquisa, à extensão e cultura, à gestão das atividades acadêmicas e às demandas acadêmicas gerais.

A infraestrutura do *campus* Cerro Largo é composta por duas unidades, sendo uma delas localizada no interior da aglomeração urbana, identificada como “Seminário” e outra localizada nas adjacências da cidade, identificada como “*Campus*”. A unidade “Seminário”, na qual o curso de Pedagogia – Licenciatura ocasionalmente desenvolverá atividades, apresenta salas de aula amplas contendo recursos adequados, sala equipada para bolsistas, laboratório de informática com internet, internet wireless, e auditório de 144,67 m² com capacidade para 120 lugares, equipado com equipamento de videoconferência. Apresenta, ainda, ampla área (pátio) de convivência que facilita a socialização entre os acadêmicos. Agregado a isso, o *campus* possui um ginásio poliesportivo com capacidade para 300 (trezentas) pessoas, com área de 1.229,28 m², disponível para práticas de diferentes modalidades esportivas, recreativas, didático-pedagógicas e eventos de integração entre acadêmicos e comunidade.

A unidade “*Campus*” apresenta (ano 2023) sete blocos construídos, além de uma área experimental: o bloco A, o bloco de salas de professores, o restaurante universitário e três blocos de laboratórios. O bloco A possui 4.925,06 m², no qual se localizam as salas de aula, o espaço para cantina, as salas para setores administrativos e a biblioteca (detalhada na seção 13.1). As salas comportam de 50 a 70 estudantes e estão equipadas com lousa e datashow. Em todos os espaços é disponibilizado acesso à internet wireless e tomadas para carregamento dos smartphones e notebooks.

No bloco de salas de professores, cuja área total mede 2.522,74 m², encontram-se 51 gabinetes, com área individual de 13,87 m², que são utilizados por dois docentes. Os gabinetes são climatizados, com espaço e mobília adequados para o desenvolvimento das atividades docentes. Há, também, a disponibilização de uma sala de reuniões, auditório, sala de convivência e cozinha para uso comum.

Os laboratórios a serem utilizados pelos acadêmicos do curso de Pedagogia – Licenciatura estão detalhados na seção 13.2.



13.1 BIBLIOTECA

As bibliotecas da UFFS têm o compromisso de oferecer o acesso à informação a toda a comunidade universitária para subsidiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Vinculadas à Coordenação Acadêmica do seu respectivo *campus*, as bibliotecas estão integradas e atuam de forma sistêmica.

A Divisão de Bibliotecas (DBIB), vinculada à Pró-Reitoria de Graduação, fornece suporte às bibliotecas no tratamento técnico do material bibliográfico e é responsável pela gestão do Portal de Periódicos, Portal de Eventos e do Repositório Digital, assim como fornece assistência editorial às publicações da UFFS (registro, ISBN e ISSN) e suporte técnico ao Sistema de Gestão de Acervos (Pergamum). Cada uma das unidades tem em seu quadro um ou mais bibliotecários, com a responsabilidade de garantir que todos os serviços de atendimento à comunidade, em cada um dos *campi*, sejam oferecidos de forma consonante à “Carta de Serviços aos Usuários”, assumindo o compromisso da qualidade na prestação de todos os seus serviços.

A DBIB tem por objetivo a prestação de serviços para as bibliotecas da Instituição, visando: articular de forma sistêmica a promoção e o uso de padrões de qualidade na prestação de serviços, com o intuito de otimizar recursos de atendimento para que os usuários utilizem o acervo e os serviços com autonomia e eficácia; propor novos projetos, programas, produtos e recursos informacionais que tenham a finalidade de otimizar os serviços ofertados em consonância com as demandas dos cursos de graduação e pós-graduação, atividades de pesquisa e extensão.

Atualmente a UFFS dispõe de seis bibliotecas, uma em cada *campus*. Os serviços oferecidos são: consulta ao acervo; empréstimo, reserva, renovação e devolução; empréstimo entre bibliotecas; empréstimo interinstitucional; empréstimos de notebooks; acesso à internet wireless; acesso à internet laboratório; comutação bibliográfica; orientação e normalização de trabalhos; catalogação na fonte; serviço de alerta; visita guiada; serviço de disseminação seletiva da informação; divulgação de novas aquisições; capacitação no uso dos recursos de informação.

As bibliotecas da UFFS também têm papel importante na disseminação e preservação da produção científica institucional a partir do trabalho colaborativo com a DBIB no uso de plataformas instaladas para o Portal de Eventos, Portal de Periódicos e Repositório Institucional, plataformas que reúnem os anais de eventos, periódicos eletrônicos, trabalhos de conclusão de cursos (monografias, dissertações, etc.) e os documentos digitais gerados no âmbito da UFFS.



Com relação à ampliação do acervo, são adquiridas anualmente as bibliografias básicas e complementares dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação em implantação, no formato impresso e outras mídias, em número de exemplares conforme critérios estabelecidos pelo MEC.

A UFFS integra o rol das instituições que acessam o Portal de Periódicos da CAPES que oferece mais de 33 mil publicações periódicas internacionais e nacionais, e-books, patentes, normas técnicas e as mais renomadas publicações de resumos, cobrindo todas as áreas do conhecimento. Integra, ainda, a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), mantida pela Rede Nacional de Ensino (RNP), cujos serviços oferecidos contemplam o acesso a publicações científicas, redes de dados de instituições de ensino e pesquisa brasileiras, atividades de colaboração e de ensino a distância.

13.2 LABORATÓRIOS

Os laboratórios que atenderão ao curso de Pedagogia – Licenciatura são destinados prioritariamente às aulas práticas do curso e aos projetos de pesquisa. Além disso, também podem atender às demandas advindas da comunidade acadêmica e da comunidade externa através de ações, cursos, projetos e programas de extensão. Os laboratórios potencializam significativamente o trabalho articulado entre ensino, pesquisa e extensão e cultura, uma vez que se constituem em espaços nos quais são exercitadas as relações entre teoria e prática. Dessa forma, apresenta-se, na sequência, a estrutura de laboratórios disponíveis ao curso no *campus* Cerro Largo e a indicação de um laboratório específico didático-pedagógico para o ensino e aprendizagens lúdicas, intitulado como Brinquedoteca.

LABORATÓRIO DE ENSINO DE MATEMÁTICA	
Professor Responsável: Izabel Gioveli	
Alunos por turma: 30	
Área: 88,77 m ²	Localização: sala 103, laboratório 1
Quantidade	Descrição
1	O laboratório de ensino de matemática é climatizado, possui mesas de trabalho na forma retangular, cadeiras escolares com apoiador, banquetas giratórias, armários, cinco microcomputadores com monitor de LED. Equipamentos: Mosaico geométrico, cubos de frações, escala cuisenaire, numerais com pinos, xadrez escolar, sequência de frações, geoplano, material dourado, tangram em madeira, sólidos geométricos, régua de frações, blocos lógicos, dominó multiplicação, sequência de unidades. Este laboratório possui ainda 16 mesas de desenho técnico e 16 cadeiras. Este laboratório é utilizado para o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas para as licenciaturas.



LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM I	
Professor Responsável: Roque Ismael da Costa Gullich	
Alunos por turma: 60	
Área: 78 m2	Localização: sala 107, laboratório 1
Quantidade	Descrição
1	O laboratório de ensino-aprendizagem I é climatizado, possui mesas, cadeiras, armários, vinte e cinco computadores e projetor multimídia. Este laboratório é utilizado em conjunto com os laboratórios de ensino de ciências e ensino-aprendizagem II para o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas para as licenciaturas.

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM II	
Professor Responsável: Judite Scherer Wenzel	
Alunos por turma: 60	
Área: 78 m2	Localização: sala 109, laboratório 1
Quantidade	Descrição
1	O laboratório de ensino-aprendizagem II é climatizado, possui mesas, cadeiras, gaveteiro, mapoteca, globo terrestre, projetor multimídia, vinte e dois computadores, filmadora e lousa interativa. Este laboratório é utilizado em conjunto com os laboratórios de ensino de ciências e ensino-aprendizagem I para o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas para as licenciaturas.

LABORATÓRIO DE ORIENTAÇÃO A ESTÁGIOS E PRÁTICAS DE ENSINO	
Professor Responsável: Fabiane de Andrade Leite	
Alunos por turma: 40	
Área: 78,78 m2	Localização: sala 108, laboratório 1
Quantidade	Descrição
1	Este laboratório é climatizado, possui mesas, cadeiras, armários, gaveteiros, monitor de vídeo e computador.

LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA BÁSICA	
Professor Responsável: Denize Ivete Reis	
Alunos por turma: 50	
Área: 98,98 m2	Localização: sala 1-3-03, unidade Seminário
Quantidade	Descrição
1	Este laboratório possui cinquenta computadores com os seguintes softwares: Geogenia 4.4; LPSolve IDE 5.5.2.0; R – 3.0.2; Scilab 5.4.1; Sisvar; LINDO 6.1; Winplot 1.55; wxMaxima 5.31.2; Graphmatica 2.3; QGIS 2.2.0 Valmiera. A sala conta ainda com uma tela interativa, um quadro branco, um armário e projetor multimídia.



LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA APLICADA I E II	
Professor Responsável: Tatiane Chassot	
Alunos por turma: 50	
Área: 60,3 m2	Localização: salas 407 e 408, bloco A
Quantidade	Descrição
2	Os laboratórios de informática possuem cinquenta computadores com os seguintes softwares: Geogenia 4.4; LPSolve IDE 5.5.2.0; R – 3.0.2; Scilab 5.4.1; Sisvar; LINDO 6.1; Winplot 1.55; wxMaxima 5.31.2; Graphmatica 2.3; QGIS 2.2.0 Valmiera. As salas contam ainda com uma tela interativa, um quadro branco, um armário e projetor multimídia.

LABORATÓRIO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUAS E LIBRAS	
Professor Responsável: Geni Vanderleia Moura da Costa	
Alunos por turma: 80	
Área: 250 m2	Localização: Laboratório de Letras 03 (Subsolo da unidade Seminário)
Quantidade	Descrição
1	Este Laboratório está destinado à realização das aulas práticas dos componentes curriculares voltados ao ensino de línguas e respectivas literaturas, às aulas práticas relacionadas ao estágio curricular supervisionado, às atividades do PIBID e Residência Pedagógica. Essa mesma estrutura será utilizada para a realização de atividades de extensão, pesquisa e ensino voltadas ao ensino de língua e literatura.

LABORATÓRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	
Professor Responsável: Geni Vanderleia Moura da Costa	
Alunos por turma: 40	
Área: 88,77 m2	Localização: Laboratório de Letras 02 (Bloco dos Laboratórios 01 - Sala 105)
Quantidade	Descrição
1	O laboratório de Língua Portuguesa e Estudos Linguísticos é destinado à realização de aulas práticas dos componentes curriculares e ao desenvolvimento das competências e habilidades de investigação linguística. A mesma estrutura pode ser utilizada como espaço para coleta, descrição, análise e arquivamento de corpus para pesquisa na graduação e pós-graduação.

LABORATÓRIO DE PESQUISA E APRENDIZAGENS LÚDICAS – BRINQUEDOTECA	
Professor Responsável: Cleusa Inês Ziesmann	
Alunos por turma: 30	



Área: XXX	Localização: Laboratório 1 - Sala 111
Quantidade	Descrição
1	Este Laboratório está destinado à realização das aulas práticas dos componentes curriculares voltados ao ensino, com ênfase na ação transformadora e criadora dos brincantes, na valorização e na experimentação de elementos naturais, bem como no melhor desenvolvimento das capacidades corporais, cognitivas, culturais e sociais dos protagonistas dos processos lúdicos. A mesma estrutura pode ser utilizada como espaço para coleta, descrição, análise e arquivamento de corpus para pesquisa para o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas para a pesquisa e à docência na educação infantil e nos anos iniciais.



14 CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS E/OU MOBILIDADE REDUZIDA

A UFFS, em sua estrutura administrativa, tem um Núcleo de Acessibilidade, composto por uma Divisão de Acessibilidade vinculada à Diretoria de Políticas de Graduação (DPGRAD) e os Setores de Acessibilidade dos *campi*. O Núcleo tem por finalidade atender servidores e estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação quanto ao seu acesso e permanência na Universidade, podendo desenvolver projetos que atendam a comunidade regional. O Núcleo de Acessibilidade da UFFS segue o que está disposto em seu Regulamento, a Resolução nº 6/2015 – CONSUNI/CGRAD/UFFS.

Com o objetivo de ampliar as oportunidades para o ingresso e a permanência nos cursos de graduação e pós-graduação, assim como o ingresso e a permanência dos servidores, foi instituída, por meio da Resolução nº 4/2015 – CONSUNI/CGRAD/UFFS, a Política de Acesso e Permanência da Pessoa com Deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação da UFFS.

Com o intuito de fortalecer e potencializar o processo de inclusão a acessibilidade, a UFFS tem desenvolvido ações que visam assegurar as condições necessárias para o ingresso, a permanência, a participação e a aprendizagem dos estudantes, público-alvo da educação especial, na instituição. Assim, apresenta-se, a seguir, as ações desenvolvidas na instituição e que promovem a acessibilidade física, pedagógica, de comunicação e informação, a saber:

1. Acessibilidade Arquitetônica

- Construção de novos prédios de acordo com a NBR9050 e adaptação/reforma nos prédios existentes, incluindo áreas de circulação, salas de aula, laboratórios, salas de apoio administrativo, biblioteca, auditórios, banheiros, etc.;
- Instalação de bebedouros com altura acessível para usuários de cadeira de rodas;
- Estacionamento com reserva de vaga para pessoa com deficiência;
- Disponibilização de sinalização e equipamentos para pessoas com deficiência visual;
- Organização de mobiliários nas salas de aula e demais espaços da instituição de forma que permita a utilização com segurança e autonomia;
- Projeto de comunicação visual para sinalização das unidades e setores.

2. Acessibilidade Comunicacional



- Acessibilidade das páginas da UFFS na internet (em andamento);
- Presença em sala de aula de Tradutor e Intérprete de Libras nos cursos de graduação em que há estudante(s) surdo(s) matriculado(s) e nos eventos institucionais;
- Empréstimo de equipamentos com tecnologia assistiva.

3. Acessibilidade Programática

- Criação e implantação do Núcleo e Setores de Acessibilidade;
- Elaboração da Política de Acesso e Permanência da pessoa com deficiência, transtorno globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação;
- Oferta de Libras como CCR obrigatório em todos os cursos de licenciatura e, como CCR optativo, nos cursos de bacharelados;
- Oferta de bolsas para estudantes atuar no Setores de Acessibilidade;
- Oferta de formação e capacitação para os servidores.

4. Acessibilidade Metodológica

- Orientação aos coordenadores de curso e professores sobre como organizar a prática pedagógica para estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e superdotação;
- Disponibilização antecipada, por parte dos professores, para o intérprete de Libras, do material/conteúdo a ser utilizado/ministrado em aula;
- Envio de material/conteúdo em slides para o estudante surdo com, pelo menos, um dia de antecedência;
- Presença em sala de aula de Tradutor e Intérprete de Libras nos cursos de graduação, no qual há estudante(s) surdo(s) matriculado(s). Além de fazer a tradução e interpretação dos conteúdos em sala de aula, o tradutor acompanha o estudante em atividades de visitas e pesquisas de campo; realiza a mediação nos trabalhos em grupo; acompanha as orientações com os professores; acompanha o(s) estudante(s) surdo(s) em todos os setores da instituição; traduz a escrita da estrutura gramatical de Libras para a Língua Portuguesa e vice-versa e glosa entre as línguas; acompanha o(s) acadêmico(s) em orientações de estágio com o professor orientador e na instituição concedente do estágio; em parceria com os professores, faz orientação educacional sobre as áreas de atuação do curso; promove interação do aluno ouvinte com o aluno surdo; orienta os alunos ouvintes sobre a comunicação com o estudante surdo; grava vídeos em Libras do conteúdo ministrado em aula, para que o estudante possa assistir em outros momentos e esclarece as dúvidas do conteúdo da aula;



- Adaptação de material impresso para áudio ou para o Sistema Braile para os estudantes com deficiência visual;
- Empréstimo de notebooks com programas leitores de tela e gravadores para estudantes com deficiência visual;
- Disponibilização de apoio acadêmico a todos os estudantes que possuem deficiência, transtorno global do desenvolvimento e superdotação.

5. Acessibilidade Atitudinal

- Realização de contato com os familiares para saber sobre as necessidades do estudante;
- Promoção de curso de Capacitação em Libras para servidores, com carga horária de 60h, objetivando promover a comunicação com as pessoas surdas que estudam ou buscam informações na UFFS;
- Orientação aos professores sobre como trabalhar com os estudantes com deficiência; transtorno global do desenvolvimento e superdotação.
- Realização de convênios e parcerias com órgãos governamentais e não- governamentais;
- Participação nos debates locais, regionais e nacional sobre processos e práticas inclusivas.

Na unidade *Campus*, onde é efetuada a maioria das atividades relacionadas ao curso, a infraestrutura física apresenta caminhos podotáteis, os cruzamentos de vias são todos realizados em nível por caminho tátil sobre faixas elevadas e existem vagas de estacionamento PCD. Em relação às edificações, o bloco A tem 4 pavimentos, com acesso em nível a todos os pavimentos através de elevadores, caminhos podotáteis, 1 BWC masculino PCD e 1 BWC feminino PCD em cada um dos 4 pavimentos, bebedouro com adaptação e mobiliário condizente com o uso por parte de PCD; o bloco dos professores tem 2 pavimentos com acesso em nível a todos os pavimentos através de elevadores, caminhos podotáteis, 1 BWC masculino PCD e 1 BWC feminino PCD em cada um dos 2 pavimentos, além de 1 vestiário unissex adaptado PCD no térreo, bebedouro com adaptação e mobiliário condizente com o uso por parte de PCD; o restaurante universitário, por ser totalmente térreo, possui acesso em nível a todas as suas instalações, caminhos podotáteis, 1 BWC masculino PCD e 1 BWC feminino PCD na entrada do refeitório e 1 BWC masculino PCD e 1 BWC feminino PCD na saída do refeitório, bebedouro adaptado e mobiliário do refeitório condizente com o uso por parte de PNE.



15 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÚCIO, Fernando Luiz. **Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias de mudanças.** São Paulo: Moderna, 2016.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2018.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola.** 5. ed. São Paulo: DP et Alli, 2008.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira.; HORN, Maria da Graça Souza. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (orgs). **Para pensar a docência na educação infantil.** Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019.

BRASIL, **Parecer CNE/CES N° 15, de 2 de fevereiro de 2005.** Solicitação de esclarecimento sobre as Resoluções CNE/CP n°s 1/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, e 2/2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0015_05.pdf Acesso em: 03 mai. 2022.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB N° 4/2008.** Orientações sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos.. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb004_08.pdf

BRASIL. **Parecer CNE N° 7/2010.** Diretrizes Curriculares nacionais da Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192

BRASIL. **Censo da Educação Básica.** Resumo técnico do estado do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: [resumo_tecnico_do_estado_do_rio_grande_do_sul_censo_da_educacao_basica_2020.pdf](https://inep.gov.br/resumo_tecnico_do_estado_do_rio_grande_do_sul_censo_da_educacao_basica_2020.pdf) (inep.gov.br) Acesso em: 4 mai. 2023.

BRASIL. **PNE em Movimento**, 2022. Disponível em: [PNE - Plano Nacional de Educação \(mec.gov.br\)](https://pne.mec.gov.br/). Acesso em: 4 mai. 2023.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A prática como componente curricular na formação de professores. **Revista Educação**, Santa Maria, n. 2, v. 36, mai./ago., 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2013.



FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2010.

GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela S. de; ALMEIDA, Whasgthon A. de. **Estágio com Pesquisa**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GURARDELI, Paulo. **O que é pedagogia?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Adequação da formação docente, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/adequacao-da-formacao-docente> Acesso em: 10 abr. 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: para quê?** Cortez, 2001.

MARQUES, Mário Osório. **A formação do profissional da educação**. Ijuí: UNIJUÍ, 1992.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTA, Selma G.; MOREIRA, Jefferson da Silva. Pedagogia e pedagogos entre insistências e resistências: entrevista realizada com a Profª Drª Selma Garrido Pimenta. **Revista Eletrônica Pesquieduca**, v. 13, n. 31, p. 925-948, nov., 2021.

ROCHA, Maria do C. S.; RANGEL, Maria T. R.; SOUZA, Lanara G. **Introdução à educação a distância**. Salvador, Bahia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30899/1/eBook%20-%20Introducao%20a%20Educacao%20a%20Distancia.pdf> Acesso em: 26 set. 2023.

ROMANOWSKI, Joana. A aventura de formar professores. In: VEIGA, Ilma Passos Veiga. A aventura de formar professores. 2. Ed. Campinas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 50, p. 307-3011, out./dez. 2013. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/A_aventura_de_formar_professores.pdf Acesso em: 10 nov. 2023.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O uno e o múltiplo: o sentido antropológico do interdisciplinar. In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio. **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Apresentação. In: SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.



VARGAS, Gardia; GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Das singularidades da docência com crianças de 0 a 3 anos às especificidades dos saberes docentes na formação inicial. **Cadernos de pesquisa em Educação**. Vitória/ES, nº 47, p. 46-67, jan./jul., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22535/cpe.v0i47.21328> Acesso em: 10 nov. 2023.

UFFS. Universidade Federal da Fronteira Sul. Projeto Pedagógico Institucional (PPI). Disponível em:
https://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/plano_pedagogico_institucional. Acesso em: 05 jun. 2023.



16 ANEXOS

ANEXO I - REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

ANEXO I - REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CURRICULARES
COMPLEMENTARES

ANEXO III - REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANEXO IV - REGULAMENTO DE APROVEITAMENTO POR EQUIVALÊNCIA
DE COMPONENTE CURRICULAR



ANEXO I - REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Seção I

Das normas, conceito e carga horária do estágio curricular supervisionado

Art. 1º O presente regulamento dispõe sobre o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Pedagogia, com base na Resolução CNE nº 1/2006, na Lei nº 11.788/2008 e ao regulamento de estágios obrigatórios e não obrigatórios da UFFS.

Parágrafo único. O Estágio não obrigatório obedecerá ao exposto nas diretrizes curriculares nacionais de cada curso, na Lei nº 11.788/2008, bem como no ordenamento interno da UFFS.

Art. 2º Para os fins do disposto neste Regulamento, considera-se Estágio Curricular Supervisionado como a atividade obrigatória prevista para integralização da estrutura curricular do curso.

Art. 3º O Estágio Curricular Supervisionado constitui-se em espaço-tempo de formação profissional e de iniciação à docência, que articula a teoria e a prática perpassando pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, permitindo a mobilização e a transformação de um conjunto de saberes acadêmicos e profissionais que possibilitam o desenvolvimento da autonomia intelectual, profissional e da identidade docente de um/a professor/a-pesquisador/a crítico-reflexivo/a.

Art. 4º O Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório é uma atividade acadêmica de natureza coletiva e deverá ser realizado, respectivamente nos níveis 3 (três), 4 (quatro), 5 (cinco), 6 (seis) e 7 (sete) do Curso de Pedagogia licenciatura, dividido em 5 (cinco) componentes curriculares, com suas respectivas cargas horárias e ementas, constantes no PPC do Curso, totalizando 405 horas.

Seção II



Dos objetivos do estágio curricular supervisionado

Art. 5º São objetivos do Estágio Curricular Supervisionado:

I - integrar a teoria e a prática por meio da inserção dos/as estudantes no contexto profissional da Educação Básica, no âmbito do ensino (Educação Infantil e Séries Iniciais), da gestão escolar e da coordenação pedagógica;

II - vivenciar etapas da ação docente: conhecimento da realidade (diagnóstico), planejamento, execução e avaliação;

III - promover a aproximação do/a estudante com a realidade profissional (escolar e comunitária);

IV - planejar a prática de estágio (gestão e docência) articulada com atividades de extensão para desenvolver o ensino com compromisso ético-político com a inclusão social, a democratização do conhecimento, a qualidade social a dialogicidade e a gestão democrática;

V - promover processos investigativos sobre/na/para a realidade escolar e educacional para fortalecer a pesquisa como um princípio formativo do/a professor/a;

VI - identificar temas e problemas de pesquisa no campo da educação para aprofundamento de estudos;

VII – potencializar a reflexão frente a realidade escolar e educacional contemporânea.

CAPÍTULO II

DAS MODALIDADES, DOS CAMPOS E DA ORGANIZAÇÃO DOS COMPONENTES CURRICULARES DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Seção I

Das modalidades de desenvolvimento do estágio curricular supervisionado

Art. 6º O Estágio Curricular Supervisionado compreende o planejamento, a execução e a avaliação das ações de ensino e de extensão desenvolvidas no campo de estágio, nas seguintes modalidades:

I - Estágio curricular supervisionado: gestão escolar

II - Estágio Educação Infantil I (creche)



III - Estágio Educação Infantil II (pré-escola)

IV- Estágio Anos Iniciais I (1º, 2º, 3º ano)

V- Estágio Anos Iniciais II (4º, 5º ano)

§1º As atividades teórico-práticas destinadas à regência de classe poderão ser realizadas em turmas multisseriadas, sendo estas uma característica das escolas do campo, observando a modalidade de estágio.

§2º As atividades teórico-práticas não vinculadas à regência de classe ocorrem no Estágio Curricular Supervisionado: gestão escolar.

§3º As atividades de extensão articuladas às atividades docentes do estágio devem estar previstas no Plano de Curso do professor e descritas no Planejamento do estágio do estagiário, envolvendo os sujeitos da comunidade escolar e/ou geral, sendo realizadas no semestre de estágio, antes, durante ou posteriormente ao período de regência de classe, ocupando tempos/espacos diferenciados.

§4º A prática de Estágio Curricular Supervisionado é realizada de modo individual pelo estagiário, exceto o Estágio Curricular Supervisionado: Gestão Escolar, no qual são permitidas práticas em grupos de até cinco alunos por se tratar de uma atividade de reconhecimento do campo, análise e reflexão, elaboração e execução de propostas de ação que implicam na comunidade escolar de modo geral, ou seja, ações eminentemente coletivas.

§5º As atividades de extensão deverão ser articuladas às atividades de docência do estagiário e integrarão ao planejamento do estágio com descrição metodológica das atividades que serão executadas com a comunidade escolar e/ou geral.

Art. 8º O estágio Curricular Supervisionado consiste em Atividade Acadêmica de orientação coletiva, prevista no Regulamento da Graduação (Resolução nº 40/CGAE/CONSUNI/2022).

Art. 9º A realização do Estágio Curricular Supervisionado é obrigatória a todos os estudantes do Curso de Pedagogia - Licenciatura.

Parágrafo único. Aos estagiários que fazem parte do público da educação especial (deficiências, transtornos de desenvolvimento e superdotação/altas habilidades) a instituição assegurará, junto com a Unidade Concedente de Estágio (UCE), as condições necessárias para que o estudante realize as atividades de estágio sem prejuízo à sua experiência docente.

Art. 10º O Estágio Curricular Supervisionado compreenderá, basicamente, as seguintes etapas:

I - Olhar investigativo por meio da inserção em contextos escolares e de aproximação



aos sujeitos que constituem a comunidade escolar – crianças, profissionais e famílias – objetivando desenvolver a prática da observação pela via da pesquisa e da reflexão na/sobre/para a ação;

II - Produção de Plano de estágio para a atuação docente e para as atividades de extensão nos espaços da comunidade escolar ou geral, a partir da análise, reflexão e interpretação dos elementos provenientes da inserção no contexto escolar e comunitário;

III - Atuação docente. Estágio sob orientação, supervisão e acompanhamento da Universidade e da Unidade Concedente de Estágio;

IV - Desenvolvimento de atividades de extensão junto à comunidade escolar ou geral;

V - Produção do Trabalho de Conclusão de Estágio que expresse as aprendizagens teórico-práticas e as experiências da atuação docente e de extensão;

VI - Socialização do estágio visando publicizar e avaliar o percurso formativo realizado;

VII - Arquivamento do Trabalho de Conclusão de Estágio em Repositório específico, sob responsabilidade do/a docente coordenador/a de Estágios do Curso.

Art. 11 O desenvolvimento das atividades dos Estágios Curriculares Supervisionados acontecerá em turno distinto ao de funcionamento das atividades letivas do curso, a fim de assegurar o processo formativo regular do aluno.

Seção II

Dos campos de estágio e áreas de atuação

Art. 12 O Estágio Curricular Supervisionado será realizado prioritariamente em instituições públicas que ofertam ensino regular e estejam devidamente conveniadas com a UFFS.

Parágrafo único - Os convênios com o campo de Estágio Curricular Supervisionado serão formalizados pelo Setor responsável pelos Estágios no *Campus*.

Art. 13 As atividades de Estágio Curricular Supervisionado ocorrem nas Unidades Concedentes de Estágio (UCE) e devem ser realizadas preferencialmente no município de Cerro Largo ou na região de abrangência deste *Campus* da UFFS.

§1º Excepcionalmente, o estágio poderá ser realizado fora da região de abrangência do *Campus* Cerro Largo mediante indisponibilidade de vagas nos municípios mais próximos do referido *Campus*.

Art. 14 Os campos de realização dos estágios deverão apresentar as seguintes condições:



I - proporcionar experiências práticas, de ensino e de extensão, na área de formação do estudante;

II - reconhecer o estudante como aprendiz e não como profissional;

III - estabelecer um cronograma para o estágio, especificando as atividades do estudante;

IV - respeitar o estudante em sua individualidade, considerando-o sujeito em processo de formação e qualificação;

V - acolher e dialogar com o estudante acerca do planejamento das ações didático-pedagógicas e de extensão;

VI- Dispor de um/a supervisor/a habilitado na área de formação do curso que acompanhe a atuação do/a estudante;

Art. 15 O Estágio Curricular Supervisionado poderá ser desenvolvido na instituição em que o/a estudante exerce suas atividades profissionais, observando-se que o campo de estágio esteja conveniado com a UFFS e que disponha de profissional apto a exercer a função de supervisor da UCE.

Art. 16 O contato com o campo de Estágio Curricular Supervisionado deverá ser realizado pelo estudante, mediado pelo professor Coordenador de estágio e por Setor responsável pelos Estágios do *Campus*, quando se fizer necessário.

Parágrafo único. As atividades de Estágios Curriculares Supervisionados deverão coincidir com o calendário do ano letivo das instituições campo de estágio e da UFFS.

Seção III

Da organização dos componentes curriculares

Art.17 A carga horária dos componentes curriculares que integram o Estágio Curricular Supervisionado será assim distribuída:

Quadro 20- Organização da carga horária dos estágios

Estágio	Carga horária				Total
	Teórica presencial	Prática de estágio e extensão*	Discente Orientada Presencial	Discente Orientada-Prática Extensionista Presencial	
Estágio I - Estágio Curricular Supervisionado: gestão escolar**	45h	15	15h	15h	90 h
Estágio II - Estágio Curricular Supervisionado: educação infantil I	20h	30	10h	-	60 h
Estágio III - Estágio	35h	30	10h	-	75 h



Curricular Supervisionado: educação infantil II					
Estágio IV - Estágio Curricular Supervisionado: anos iniciais I	30h	50	10h	-	90 h
Estágio V - Estágio Curricular Supervisionado: anos iniciais II	30h	50	10h	-	90 h
					405h

*A carga horária da prática de estágio está articulada às atividades extensionistas.

**Em conformidade à Portaria nº 449/PROGRAD/UFFS/2023 que aprova a caracterização dos CCRs do Domínio Conexo entre as licenciaturas do campus Cerro Largo.

Parágrafo único: A carga horária da prática dos estágios em docência articulada com a extensão cumpre a seguinte distribuição:

Quadro 21- Distribuição da carga horária da prática de estágio docente e da extensão.

Estágio	Prática de estágio docente	Prática extensionista	Total
Estágio II - Estágio Curricular Supervisionado: educação infantil I	20h	10h	30h
Estágio III - Estágio Curricular Supervisionado: educação infantil II	20h	10h	30h
Estágio IV - Estágio Curricular Supervisionado: anos iniciais I	40h	10h	50h
Estágio V - Estágio Curricular Supervisionado: anos iniciais II	40h	10h	50h

Art. 18 A carga horária dos CCR de Estágio Curricular Supervisionado está assim distribuída:

I - Teóricas presenciais: Atividades de aulas teóricas para orientação à-elaboração dos Planos de estágio, na organização e planejamento das atividades de gestão ou regência de classe e de extensão, desenvolvidas na Universidade, na presença do professor responsável pelo CCR;

II- Práticas: Atividades de docência ou de gestão que os estudantes, sob orientação e supervisão de docente, realizam no ambiente escolar;

III – Extensionistas: Atividades de extensão que os estudantes, sob orientação e supervisão de docente, realizam no ambiente escolar;

IV – Discente orientada presencial: Atividades de orientação e acompanhamento do professor responsável pelo CCR;

V- Discente orientada extensionista presencial: Atividades de orientação e



acompanhamento do professor responsável pelo CCR;

Art. 19 O estágio Curricular Supervisionado consiste em Atividade Acadêmica de orientação coletiva, prevista no Regulamento da Graduação (Resolução nº 40/CGAE/CONSUNI/2022).

Art. 20 A realização do Estágio Curricular Supervisionado é obrigatória a todos os estudantes do Curso de Pedagogia - Licenciatura.

Parágrafo único. Aos estagiários que fazem parte do público da educação especial (deficiências, transtornos de desenvolvimento e superdotação/altas habilidades) a instituição assegurará, junto com a Unidade Concedente de Estágio (UCE), as condições necessárias para que o estudante realize as atividades de estágio sem prejuízo à sua experiência docente.

Art. 21 O Estágio Curricular Supervisionado compreenderá, basicamente, as seguintes etapas:

I - Olhar investigativo por meio da inserção em contextos escolares e de aproximação aos sujeitos que constituem a comunidade escolar – crianças, profissionais e famílias – objetivando desenvolver a prática da observação pela via da pesquisa e da reflexão na/sobre/para a ação;

II - Produção de Plano de estágio para a atuação docente e para as atividades de extensão nos espaços da comunidade escolar ou geral, a partir da análise, reflexão e interpretação dos elementos provenientes da inserção no contexto escolar e comunitário;

III - Atuação docente. Estágio sob orientação, supervisão e acompanhamento da Universidade e da Unidade Concedente de Estágio;

IV - Desenvolvimento de atividades de extensão junto à comunidade escolar ou geral;

V - Produção do Trabalho de Conclusão de Estágio que expresse as aprendizagens teórico-práticas e as experiências da atuação docente e de extensão;

VI - Socialização do estágio visando publicizar e avaliar o percurso formativo realizado;

VII - Arquivamento do Trabalho de Conclusão de Estágio em Repositório específico, sob responsabilidade do/a docente coordenador/a de Estágios do Curso.

Art. 22 O desenvolvimento das atividades dos Estágios Curriculares Supervisionados acontecerá em turno distinto ao de funcionamento das atividades letivas do curso, a fim de assegurar o processo formativo regular do aluno.

CAPÍTULO III

DOS REQUISITOS PARA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO



Seção I

Do ingresso ao conjunto de componentes curriculares do estágio supervisionado

Art. 23 Poderá matricular-se nos CCR de Estágio Curricular Supervisionado o estudante que atenda aos pré-requisitos previstos na estrutura curricular indicados para cada um dos estágios.

CAPÍTULO IV

DAS COORDENAÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Seção I

Do Coordenador de Estágios e do Coordenador de Extensão e Cultura

Art. 24 A Coordenação do Estágio Curricular Supervisionado será exercida por um professor indicado pelo Colegiado do Curso, em mandato com duração de dois anos, sendo permitidas reconduções.

§ 1º Para atender às demandas do curso, o colegiado poderá indicar um Coordenador de Extensão e Cultura que atuará de forma articulada com o Coordenador de Estágios.

Art. 25 São atribuições do Coordenador do Estágio Curricular Supervisionado:

I – coordenar a execução da política de estágio no âmbito do curso, organizando os estágios no Curso de Pedagogia - Licenciatura de forma articulada com os componentes curriculares do respectivo nível, com as demandas dos acadêmicos, com a vida institucional e com os campos de estágios;

II – promover a discussão sobre o papel formativo dos estágios com pesquisa e extensão no Curso de Pedagogia - Licenciatura;

III – planejar as ações relacionadas ao desenvolvimento dos estágios junto com os professores-orientadores do Componente Curricular e estudantes;

IV – convocar e coordenar reuniões com professores-orientadores do Componente Curricular e com os supervisores externos de estágio das Instituições conveniadas (UCE), sempre que necessário;

V - mapear as demandas de estágio dos semestres e buscar equacionar a definição dos



campos de estágio conjuntamente com os/as estudantes, os/as professores/as orientadores/as do Componente Curricular, e o Setor de Estágios do *campus*;

VI - atender às demandas administrativas associadas ao desenvolvimento de atividades de estágio do curso;

VII – fornecer informações necessárias relacionadas ao estágio aos professores-orientadores e aos supervisores externos;

VIII – apresentar informações quanto ao andamento dos estágios, à coordenação do curso e aos diversos órgãos da administração acadêmica da UFFS;

IX - participar dos processos de elaboração, planejamento e avaliação da política de estágios da UFFS;

X - coordenar as atividades de Estágio Obrigatório e Não-Obrigatório em nível de Curso, em articulação com os professores do componente curricular, com os professores-orientadores de estágio, com a Coordenação Acadêmica e com as Unidades Concedentes de Estágio (UCes);

XI - coordenar a execução da política de estágio no âmbito do curso;

XII - levantar as demandas de estágio vinculadas à execução do Projeto Pedagógico do Curso;

XIII - avaliar a natureza das atividades propostas, sua adequação ao caráter formativo do curso, ao nível de matrícula do acadêmico e à carga horária curricular;

XIV - integrar o fórum permanente de discussões teórico-práticas e logísticos relacionados ao desenvolvimento das atividades de estágio em nível de *Campus*;

XV - promover estudos e discussões teórico-práticas com os professores do componente curricular de estágio e com os professores-orientadores de estágio do curso;

XVI - orientar os acadêmicos de seu curso com relação aos estágios;

XVII - providenciar a organização da distribuição das demandas de estágio com seus respectivos campos de atuação no âmbito do curso;

XVIII - receber e encaminhar documentos e relatórios de estágio;

XIX - promover a socialização das atividades de estágio junto ao curso, intercursos e UCes;

XX - promover ações que integrem as atividades de estágio entre os cursos de áreas afins e/ou com domínios curriculares conexos;

XXI - atender às demandas administrativas associadas ao desenvolvimento de atividades de estágio do curso.

Art. 26 São atribuições do Coordenador de Extensão e Cultura:



I-coordenar, articular, propor e acompanhar as atividades de extensão e de cultura desenvolvidas no âmbito do currículo do curso, em diálogo com os coordenadores das ações, Coordenação Acadêmica e Coordenação Adjunta de Extensão e de Cultura do campus;

II-orientar os estudantes quanto às atividades e normatização da extensão e da cultura desenvolvidas no âmbito do currículo do curso;

III-acompanhar e colaborar na organização dos processos de avaliação das ações de extensão e de cultura inseridas no currículo;

IV-zelar pelo caráter formativo das ações de extensão e de cultura realizadas pelos estudantes em concordância com o PPC;

V-divulgar as atividades de extensão e de cultura no âmbito do *campus*.

VI-conduzir a validação das ACEs desenvolvidas no âmbito do currículo do curso, quando for o caso.

Art. 27 A Coordenação de Estágio consiste em atividade de gestão e de organização das atividades de estágio para a qual será atribuída carga horária de 10 (dez) horas semanais, conforme disposto no Capítulo III, art. 37, § 1º da Resolução nº 7/CONSUNI/CGRAD/UFFS/2015.

Seção II

Dos professores orientadores e dos supervisores de estágio

Art. 28 O professor do componente curricular do Estágio Curricular Supervisionado, definido pelo Colegiado de Curso, acumulará privilegiadamente a função de professor e de orientador de estágio dos estudantes matriculados na turma ofertada.

Art. 29 São atribuições do professor do componente curricular/orientador de Estágio Curricular Supervisionado:

- I - coordenar as atividades didáticas referentes ao componente curricular;
- II - ministrar aulas teórico/práticas presenciais;
- III – orientar e acompanhar os estagiários em relação ao planejamento e à prática referente às atividades de ensino e de extensão e cultura;
- IV - promover seminários de apresentação e/ou avaliação de estágio;
- V - fornecer informações à coordenação do Estágio Curricular Supervisionado quanto ao andamento das atividades de estágio e ao desempenho dos acadêmicos;
- VI - avaliar, em conjunto com a coordenação de estágio e o campo de estágio, as



diversas etapas do Estágio Curricular Supervisionado, inclusive a inserção da extensão na prática de estágio.

VII - participar das atividades programadas pelo Coordenador de Estágio.

Art. 30 O professor do componente curricular/orientador de Estágio Curricular Supervisionado atuará nas seguintes atividades de ensino:

I - Aulas teórico-práticas. Consistem em encontros pedagógicos do docente com a turma matriculada no CCR, nos quais são realizados estudos bibliográficos para produção reflexiva do Plano de estágio, do planejamento das atividades de ensino de extensão na escola ou das aulas de estágio, orientações coletivas referentes às atividades de estágios e socialização dos Relatórios finais dos estágios;

II - Orientações. Caracterizadas por atendimentos individualizados ou em pequenos grupos contínuos ao longo do semestre, para a escuta, problematização das vivências, avaliação dos planejamentos e dos relatos das aulas e das atividades de extensão implementadas, orientações gerais referentes aos problemas e dificuldades enfrentados pelo estagiário no dia a dia na escola, análise reflexiva, devidos ajustes a serem realizados conforme necessidade apresentada e orientações para a produção dos relatórios finais do estágio;

III - Acompanhamento do estágio e da extensão. Atividades de acompanhamento dos estagiários no campo de estágio para estabelecer um trabalho cooperativo e dialógico com a direção, a coordenação pedagógica e regente da turma; oferecer assistência sobre aulas ministradas pelos estagiários, bem como para as demais questões que a complexidade dos processos de ensino e de aprendizagem exigem; acompanhar as atividades de extensão realizadas pelos estagiários.

Art. 31 A carga horária referente à **ministração de aulas** será atribuída ao professor do componente curricular de Estágio Curricular Supervisionado conforme previsto na estrutura curricular do PPC.

Parágrafo único. É possível atribuir carga horária para mais de um docente, conforme necessidade do curso, para atender a orientação e a supervisão das atividades de ensino e de extensão, observando a normativa institucional – Resolução N° 106/CONSUNI.UFFS/2022 – que prevê a atribuição de 1 (uma) hora-aula semanal para cada 3 (três) orientações/supervisões de estágio.

Seção III

Do acadêmico estagiário

Art. 32 Para desenvolver as atividades de estágio, o estudante deve estar devidamente matriculado no Curso de Pedagogia - Licenciatura no respectivo componente curricular e preencher os requisitos previstos neste Regulamento.

Art. 33 Constituem atribuições do estagiário:



- I - assinar o Termo de Compromisso;
- II - elaborar o Plano de Estágio contemplando o planejamento das aulas e das atividades de extensão;
- III - desenvolver as atividades previstas no Plano de Estágio de forma acadêmica, profissional e ética junto à UCE;
- IV - zelar pela boa imagem da Instituição formadora junto à UCE e contribuir para manutenção e a ampliação das oportunidades de estágio;
- V - entregar o Trabalho de Conclusão de Estágio ao final do semestre em que cursou o CCR, atendendo aos prazos previstos no Plano de Curso.
- VI - comunicar qualquer irregularidade no andamento do seu estágio ao professor do CCR/orientador, à Coordenação de Estágios do Curso ou à Coordenação Acadêmica do *Campus*;
- VII - entrar em contato com a UCE na qual serão desenvolvidas as atividades de estágio, munido de Carta de Apresentação e Termo de Compromisso;
- VIII - participar de reuniões e atividades de orientação para as quais for convocado;
- IX - cumprir todas as atividades previstas para o processo de estágio, de acordo com o projeto pedagógico do curso e o que dispõe o Regulamento de Estágios da UFFS;
- X - respeitar os horários e normas estabelecidos na UCE, bem como seus profissionais e alunos;
- XI - participar das aulas teóricas previstas pelo CCR;

Seção IV

Dos Supervisores Externos da UCE do Estágio Curricular Supervisionado

Art. 34 Os Supervisores Externos do Estágio Curricular Supervisionado serão indicados pelas Unidades de Concedentes de Estágio (UCE), dentre os seus profissionais em efetivo exercício e com formação na área do curso.

Art. 35 São atribuições dos supervisores externos da UCE:

- I - apresentar o campo de estágio ao acadêmico estagiário;
- II - facilitar seu acesso à documentação da instituição;
- III - acompanhar a execução das atividades de estágio;
- IV - informar ao professor do componente curricular de Estágio Curricular



Supervisionado ou ao Coordenador do Estágio quanto ao andamento das atividades e o desempenho do acadêmico;

V - participar da avaliação do desempenho dos estagiários mediante preenchimento de parecer descritivo.

CAPÍTULO V

DOS PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Seção I

Da assiduidade, frequência e prazos

Art. 36 A frequência do estagiário será observada considerando o mínimo legal (75%) exigido para a aprovação nos componentes curriculares.

Art. 37 As atividades resultantes do Estágio Supervisionado, consubstanciadas em Trabalho de Conclusão de Estágio deverão ser entregues pelo estagiário conforme os prazos estabelecidos no Plano de Curso do componente curricular referente ao estágio.

Seção II

Da avaliação do estágio

Art. 38 A avaliação do estudante estagiário será realizada pelo professor do componente curricular/orientador de estágio que orientou e supervisionou o estagiário, observando o previsto no Plano de Curso.

Art. 39 Para a aprovação no Estágio Curricular Supervisionado, o estudante deverá cumprir as atividades previstas em cada nível, atingir a frequência e média finais determinadas no Plano de Curso do componente curricular estágio.

§ 1º Os critérios e as formas de avaliação do estudante estagiário, nas diversas etapas do Estágio Curricular Supervisionado, serão propostos pelos respectivos professores dos componentes curriculares em seus Planos de Curso.

§ 2º Não há previsão de realização de atividades ou estudos de recuperação de nota



nos componentes curriculares de estágio.

Seção III

Trabalho de Conclusão de Estágio

Art. 40 Os Estágios Curriculares Supervisionados devem gerar um Trabalho de Conclusão do Estágio – TCE, podendo ser elaborado sob o gênero artigo, relatório, projeto inovador, ou outro, sempre de acordo com as práticas, produções e reflexões desenvolvidas, sob acordo em colegiado e com a proposta do Curso.

Parágrafo único. O Trabalho de Conclusão de Estágio Curricular Supervisionado deverá ser entregue em formato digital – salvo em arquivo PDF (Portable Document Format), entregue à Coordenação de Estágios do Curso e encaminhado à Secretaria de Cursos pelo professor responsável pelo CCR ao finalizar os trabalhos.

Seção IV

Da interrupção Do Estágio Supervisionado

Art. 41 Terá seu Estágio Curricular Supervisionado não reconhecido o estagiário que não atender aos requisitos expressos neste regulamento e nas normas gerais da UFFS.

Art. 42 O professor orientador poderá requerer interrupção do estágio com as devidas justificativas de caráter didático-pedagógico ou de inobservância das normas estabelecidas neste regulamento.

Parágrafo único. Para a interrupção por solicitação do professor orientador as justificativas devem ser levadas ao coordenador de estágio e a deliberação tomada em colegiado do curso.

Art. 43 O acadêmico estagiário poderá requerer a suspensão de seu Estágio Supervisionado por meio de requerimento formalizado à Secretaria de Curso.

CAPÍTULO VI

DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO

Art. 44 O Estágio não obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional,



vinculada ao perfil acadêmico-profissional-social do curso, acrescido à carga horária regular e obrigatória, que pode compor a integralização curricular como Atividade Complementar.

Art. 45 O estudante poderá realizar, em qualquer período do curso, estágio não obrigatório, o qual obedecerá ao exposto nas diretrizes curriculares nacionais referentes ao curso, à legislação de estágios vigente e à regulamentação de estágios da UFFS, além do previsto neste regulamento, devendo ser realizado nas seguintes áreas: Gestão educacional, gestão pedagógica, apoio técnico educacional, apoio pedagógico e similares.

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 46 Os casos omissos neste Regulamento de Estágio Curricular serão resolvidos pela Coordenação de Estágio do Curso cabendo recurso ao Colegiado do Curso de Pedagogia - Licenciatura.

Art. 47 Este Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório entra em vigor a partir de sua aprovação juntamente com o PPC do curso, pela Câmara de Graduação e Assuntos Estudantis.



ANEXO II - REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES (ACCS) DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Entende-se por Atividades Curriculares Complementares (ACCs) do Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura, aquelas realizadas pelo estudante, de livre escolha, desde que vinculadas à sua formação e que possibilitam à complementação dos conteúdos ministrados no curso e/ou atualização de temas emergentes ligados à áreas de conhecimento do curso, ao mesmo tempo em que favoreçam a prática de estudos independentes, transversais e/ou interdisciplinares, bem como o desenvolvimento das habilidades comportamentais, políticas e sociais, auxiliando na consolidação do perfil do egresso.

Art. 2º Os objetivos gerais das Atividades Curriculares Complementares do curso de Pedagogia - Licenciatura da UFFS são os de ampliar o currículo obrigatório, aproximar o acadêmico da realidade social e profissional e propiciar aos seus acadêmicos a possibilidade de aprofundamento temático e interdisciplinar, promovendo a integração entre comunidade e Universidade, por meio da participação do acadêmico em atividades que visem à formação profissional e para a cidadania.

Art. 3º As Atividades Curriculares Complementares propiciam ao curso uma flexibilidade exigida pelas Diretrizes Curriculares.

CAPÍTULO II

FORMAS DE REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES

Art. 4º As Atividades Complementares têm uma carga horária mínima prevista de 200 horas e estão divididas em 08 (oito) modalidades envolvendo ensino, pesquisa e extensão, conforme indicadas nos capítulos III a XI deste Regulamento.

Art. 5º As atividades somente serão aceitas quando realizadas após o ingresso do



acadêmico no curso, as quais poderão ser comprovadas mediante apresentação dos documentos expostos no Capítulo XIII, deste Regulamento.

Parágrafo único. As atividades curriculares complementares serão avaliadas e reconhecidas semestralmente, por professores designados pela Coordenação do Curso.

CAPÍTULO III

DOS PROGRAMAS E PROJETOS DE EXTENSÃO E DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA INSTITUCIONAL E INSTITUCIONALIZADOS

Art. 6º Entende-se por Programa/projeto de extensão e iniciação científica institucional e institucionalizados os Programas de bolsas de iniciação científica financiados com recursos de Fundos de Apoio à Pesquisa, PIBIC-CNPq, outros vinculados a UFFS e outras instituições, bem como atividades de extensão universitária, totalizando 120 (cento e vinte) horas.

Parágrafo Único - Os alunos bolsistas e voluntários que desenvolvem projetos aprovados terão direito a apropriação de 60 (sessenta) horas e, caso os resultados do referido projeto sejam apresentados em algum evento de Iniciação Científica o aluno terá direito ao cômputo de 30 (trinta) horas adicionais.

CAPÍTULO IV

DAS MONITORIAS E ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS

Art. 7º Consideram-se monitorias e estágios não obrigatórios as atividades realizadas em sala de aula e nos espaços destinados à formação profissional que tenham estreita relação com atividades exercidas no campo da área de conhecimento do curso.

Parágrafo Único. Cada monitoria e/ou estágio desenvolvido equivale até 60 (sessenta) horas, totalizando, no máximo, 120 (cento e vinte) horas.

CAPÍTULO V

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO

Art.8º Considera-se cursos de aperfeiçoamento os mini cursos, os cursos e outras



atividades que propiciem um aperfeiçoamento do acadêmico em áreas da área de conhecimento do curso. Serão considerados cursos presenciais e a distância.

I. A carga horária mínima por atividade presencial é de 8 horas, até o limite de 60 horas.

II. A carga horária máxima cursada na modalidade EAD é de 30 horas.

CAPÍTULO VI

DAS VIAGENS DE ESTUDO VISITAS TÉCNICAS

Art. 9 Serão consideradas viagens de estudo e visitas técnicas, aquelas programadas e/ou acompanhadas por professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, destinadas a ampliar os conhecimentos sobre as temáticas tratadas em sala de aula ou para atualização de conteúdos do curso, totalizando 80 (oitenta) horas.

§ 1º Será computado o número de horas em atividades descrito no certificado/declaração.

CAPÍTULO VII

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS: CONGRESSOS, SIMPÓSIOS, JORNADAS E OUTROS

Art.10 - Será considerada a participação nos seguintes eventos: congressos, seminários, simpósios, semanas, conferências, colóquios, jornadas acadêmicas, palestras, oficinas, mesas redondas, painéis, encontros, fóruns, ciclos e outros de natureza similar.

§ 1º Para estas atividades a carga horária mínima por evento é de 4 (quatro) horas, totalizando até 60 horas.

§ 2º Na condição de apresentador de trabalho ou palestrante, o aluno terá direito ao cômputo de 15h adicional (por apresentação ou palestra), até o limite de 30 (trinta) horas.

§ 3º A realização de oficinas pedagógica em evento contabilizará carga horária máxima de 60h, considerando a carga horária indicada em Declaração/Atestado/Certificado pela instituição promotora.

CAPÍTULO VIII

DA PUBLICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS



Art. 11 A cada artigo publicado em revista científica indexada (com Qualis) serão computados entre 40 (quarenta) e 80 (oitenta) horas e não indexada 30 horas, desde que a revista possua revisão por pares, até o limite de 120 (cento e vinte) horas.

Art.12 A cada publicação em anais de eventos científicos e/ou extensão o aluno pontuará da seguinte maneira:

I – artigo completo: até o limite de 30 (trinta) horas;

II – resumo expandido e resumo: 10 horas por trabalho até o limite de 30 horas.

Art. 13 Será atribuído 15 (quinze) horas para a participação na organização de eventos.

Art. 14 As atividades deste grupo totalizam no máximo 150 (cento e cinquenta) horas.

CAPÍTULO IX

DAS DISCIPLINAS ISOLADAS E/OU CURSOS SEQUENCIAIS DE GRADUAÇÃO

Art. 15 A disciplina isolada e/ou curso sequencial de graduação pode totalizar até 120 (cento e vinte) horas, sendo computada a carga horária descrita na ementa do CCR.

CAPÍTULO X

DA PARTICIPAÇÃO EM COLEGIADO DE CURSO, ÓRGÃOS COLEGIADOS SUPERIORES E GRUPOS ARTÍSTICO CULTURAIS CREDENCIADOS OU REGULARMENTE CONSTITUÍDOS

Art. 16 A participação, na condição de representante, em colegiado do curso, órgãos colegiados superiores da UFFS e membro de grupos artísticos culturais credenciados ou regularmente constituídos e vinculados à UFFS, podem totalizar até 15 (quinze) horas por ano de participação, até o máximo de 30 (trinta) horas.

CAPÍTULO XI

DA PARTICIPAÇÃO EM ELEIÇÕES NA QUALIDADE DE MESÁRIO

Art. 17 A participação como mesário em eleições presidenciais, estaduais e municipais o acadêmico terá o direito a 4 (quatro) horas por eleição trabalhada, sendo que a carga máxima neste grupo poderá ser de 8 horas, ou seja, o acadêmico poderá participar de até dois processos eleitorais diferentes.



CAPÍTULO XII DOS GRUPOS DE ESTUDO

Art. 18 A participação em Grupo de Estudo institucionalizado totaliza 30h, considerando 90h por semestre de participação.

CAPÍTULO XIII

DA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS, PROGRAMAS e AÇÕES DE ENSINO

Art. 19 A participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é contabilizada como carga horária máxima de 90 horas, reconhecendo 30h por semestre.

CAPÍTULO XIV

DA PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADE DE EXTENSÃO

Art. 20 A participação em atividade de extensão planejada e executada em colaboração com docentes será considerada com carga horária do certificado ou declaração/atestado integrando à carga horária máxima do grupo.

CAPÍTULO XV

DOS PROCEDIMENTOS PARA VALIDAÇÃO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES

Art. 18 Para validar as Atividades Curriculares Complementares o estudante deverá apresentar pedido acompanhado dos respectivos comprovantes das atividades desenvolvidas de acordo com o prazo definido em Calendário Acadêmico, junto à secretaria acadêmica.

Parágrafo único. Os comprovantes a que se refere o artigo dizem respeito a certificados ou declarações e, no caso de publicações científicas, a cópia das mesmas.

Art. 19 A validação das ACC será realizada via sistema pelo Coordenador de curso, Coordenador Adjunto de curso ou Secretário de curso.

Art. 20 As atividades curriculares complementares – ACC demandadas pelos estudantes serão validadas de acordo com as seguintes cargas horárias máximas, as quais também servirão de parâmetro em caso de inexistência de referência ao número de horas:

Quadro 22 - Categoria e pontuação das ACCs do curso de Pedagogia – Licenciatura



Grupo	Atividades realizadas	Carga horária da atividade	Carga horária máxima
Programas, Projetos e Ações de Extensão e de Iniciação Científica Institucional	Participação em projetos de pesquisa ou extensão como bolsista. (por projeto/ano)	60h	120h
	Participação em projetos como voluntário. (por projeto/ano)	60h	
	Publicações de trabalho em evento.	30h	
	Participação em atividades de extensão	conforme carga horária da atividade	
	Participação em grupo de pesquisa (por semestre/grupo)	60h	
	Realização de oficina pedagógica (por atividade)	conforme carga horária da atividade	
Monitorias e Estágios Não Obrigatórios	Participação em monitorias e estágios não obrigatórios.(por projeto/ano)	60h	120h
Grupo de Estudo	Participação em Grupo de Estudo (por semestre)	40h	80h
Projetos, Programas e Ações de Ensino	Participação no PIBID (por semestre)	30h	90h
Cursos de Aperfeiçoamento	Curso de informática (por semestre)	10h	60h por atividade (presencial) e 30h (EAD)
	Curso de idiomas (por semestre)	20h	
	Curso na área de formação acadêmica (por certificado)	Horas do certificado com mínimo de 8h	
Viagens de Estudo e Visitas Técnicas	Participação em viagens de estudo e visitas técnicas previstas/reconhecidas pelo curso	Horas do certificado	80h
Participação em Eventos: Congressos, Simpósios, Jornadas e Outros	Participação em congressos, simpósios, jornadas e outros como ouvintes.	Horas do certificado com mínimo de 2h	60h
	Participação em congressos, simpósios, jornadas e outros como apresentador ou palestrante.	Horas do certificado	80h
	Realização de oficina pedagógica em evento	Horas do certificado	60h
Publicação e Organização de Eventos	Publicação em revista indexada Qualis A1, A2	80h	120
	Publicação em revista indexada Qualis A3, A4	60h	
	Publicação em revista indexada Qualis B1, B2, B3, B4	40h	
	Publicação em revista não indexada.	30h	
	Publicação de artigo completo em anais de eventos ou extensão (30h por trabalho).	30h	



Grupo	Atividades realizadas	Carga horária da atividade	Carga horária máxima
	Organização de Evento (por evento)	15h	30h
	Publicação de resumo ou resumo expandido em anais de eventos ou extensão (por trabalho).	10h	30h
Disciplinas Isoladas e/ou Cursos Sequenciais De Graduação	Aprovação em CCR não previsto no Curso de Pedagogia ou disciplina isolada ou curso sequencial de graduação.	Carga horária do CCR	120h
Participação em Colegiado de Curso, Conselhos, Representação Estudantil e Grupos Culturais Credenciados	Participação em colegiado de curso, órgão colegiado superior, representação estudantil e grupos artístico culturais credenciados ou regularmente constituídos, desde que, vinculados à UFFS. (por ano)	15h	30h
Participação em eleições -mesário	Participação em eleições municipais, estaduais e presidenciais como mesário.	4h	8h
Validação do Teste Toefl Itp	Estudante da UFFS que realizar o teste de língua inglesa TOEFL/ITP aplicado pelo MEC	2h	8h

CAPÍTULO XVI

DOS DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS E DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 22 São documentos comprobatórios das Atividades Curriculares Complementares:

Quadro 23- Documentos comprobatórios das Atividades Curriculares Complementares do Curso de Pedagogia licenciatura.

Atividades realizadas	Documentos comprobatórios
Participação em programas e projetos institucionais da UFFS.	Certificado de participação contendo período e carga horária e/ou Declaração da Pró-Reitoria e/ou declaração do professor responsável.
Participação como bolsista ou voluntário em atividade de extensão.	Certificado de participação contendo período e carga horária e/ou Declaração da Pró-Reitoria e/ou declaração do professor responsável.
Participação como bolsista do Programa de Iniciação Científica.	Certificado de participação contendo período e carga horária e/ou Declaração da Pró-Reitoria e/ou declaração do professor responsável.



Atividades realizadas	Documentos comprobatórios
Atividades desenvolvidas no PET (Programa Educação Tutorial).	Certificado de participação contendo período e carga horária e/ou Declaração da Pró-Reitoria e/ou declaração do professor responsável.
Realização de Teste Toefl Itp	Apresentação de declaração emitida pela Assessoria de Assuntos Internacionais da Reitoria, responsável pela organização da aplicação do teste no âmbito da UFFS.
Participação como bolsista ou voluntário em programa de monitoria com relatório de avaliação e/ou declaração do professor.	Certificado de participação contendo período e carga horária e/ou Declaração da Pró-Reitoria e/ou declaração do professor responsável.
Participação como voluntário em atividades administrativas ligadas ao ensino.	Certificado de participação contendo período e carga horária e/ou Declaração da Pró-Reitoria e/ou declaração do professor responsável.
Estágio não-obrigatório.	Certificado concedido pela Divisão de Estágio da UFFS com período ou documento emitido por órgão agenciador oficial, carga horária e atividades desenvolvidas.
Participação em cursos de formação na área acadêmica	Certificado contendo período, carga horária do curso e frequência.
Participação em cursos de idiomas	Certificado contendo período, carga horária do curso e frequência.
Participação em cursos de informática	Certificado contendo período, carga horária do curso e frequência.
Realização de viagens de estudos.	Certificado/Declaração de participação contendo período e carga horária.
Participação em congressos, jornadas, simpósios, fóruns, seminários, encontros, festivais e similares.	Certificado e/ou relatório de participação contendo período e carga horária.
Participação como apresentador/ministrante em congressos, jornadas, simpósios, fóruns, seminários, encontros, festivais e similares.	Certificado e relatório de participação contendo período, carga horária. Comprovante deve deixar claro quem foi o apresentador/ministrante.
Publicação de artigo em jornal, revista especializada e/ou científica da área indexada	Cópia do artigo ou aceite de publicação.
Publicação de artigo em jornal, revista especializada e/ou científica da área não indexada	Cópia do artigo ou aceite de publicação.
Publicação de capítulo de livro	Cópia do capítulo do livro e capa contendo o corpo editoria (data, páginas, autor(es)) ou certificado da publicação.
Trabalho publicado em Anais de Evento Técnico-científico resumido ou completo.	Cópia do resumo/trabalho publicado nos Anais ou certificado de publicação nos Anais (capa, data, páginas, autor(es)).
Participação na organização de eventos.	Certificado/ atestado de organizador, com carga horária e período.
Disciplinas não previstas no currículo pleno que tenham relação com o curso nas modalidades presencial e não presencial.	Plano de curso assinado, Histórico Escolar e/ou Certificado da disciplina.



Atividades realizadas	Documentos comprobatórios
Participação estudantil nos colegiados de curso	Declaração expedida pela coordenação do curso, com carga horária e período.
Participação estudantil em órgãos colegiados superiores	Declaração expedida pela secretaria do órgão, com carga horária e período.
Participação em processo eleitoral – mesário	Certificado de participação expedido pelo Cartório Eleitoral com período e carga horária definida.
Participação em grupo de estudo	Certificado de participação
Participação em atividade de Extensão	Certificado/atestado/declaração da realização
Realização de oficina pedagógica em evento	Certificado/atestado/declaração da realização
Participação no PIBID	Declaração da coordenação do NID
Realização de oficina pedagógica	Certificado/atestado/declaração da realização

Art. 23 Compete à Coordenação com a colaboração do Secretário e do Colegiado do curso:

- I** – Orientar os alunos sobre a escolha das Atividades Curriculares Complementares a serem realizadas;
- II** – Orientar os alunos do curso quanto às regras deste regulamento;
- III** – Acompanhar o cumprimento da carga horária integral das Atividades Curriculares Complementares;
- IV** – Lançar a pontuação e carga horária para fins de integralização das Atividades Curriculares Complementares para alunos do curso junto ao Sistema Acadêmico.

Art. 24 Cabe ao professor ou responsável, que realizará a análise avaliar a aderência das atividades submetidas à análise, respeitando as Diretrizes Curriculares Nacionais e o PPC do curso de Pedagogia - Licenciatura.

Art. 25 Os casos não previstos neste regulamento serão dirimidos pelo Colegiado do curso de Pedagogia - Licenciatura.

Anexo II alterado pela **RESOLUÇÃO Nº 2 / 2025 - CCPL - CL** . Nº do Protocolo: **23205.031472/2025-70**





ANEXO III – REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAPÍTULO I

DA CARACTERIZAÇÃO

Art. 1º O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se caracteriza por uma atividade individual e consiste na culminância da formação do estudante por meio do desenvolvimento de um projeto de pesquisa com o tema baseado na análise de um problema específico voltado para o campo da Pedagogia que atenda ao perfil do curso e, ainda, elaborado seguindo critérios e características de um estudo científico.

Art. 2º O TCC constitui-se de uma atividade desenvolvida em duas etapas, denominadas Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I), ofertado no 7º nível e Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), ofertado no 8º nível.

Art. 3º O TCC deverá ser desenvolvido individualmente, sendo que qualquer outra forma, como em grupos, deverá ser aprovada pelo Colegiado do Curso.

Art. 4º Os encaminhamentos para a definição dos professores orientadores serão aprovados no colegiado do Curso, tendo como número máximo, três orientandos por docente no TCC I e II.

Art. 5º O professor orientador deverá pertencer ao corpo docente do Curso ou ter ministrado algum CCR e, preferencialmente, ter ou estar realizando projetos de pesquisa e/ou extensão junto ao Curso.

Art. 6º De acordo com a Resolução nº40/CGAE/CONSUNI/2022, que dispõe sobre o Componente Curricular obrigatório a ser realizado na no sétimo e oitavo nível do Curso, subdividido em TCC I e TCC II, refere-se a:

§1º O TCC I consiste na definição da temática de pesquisa e na elaboração do projeto de pesquisa, sendo integralizado em 30 horas.

§2º O TCC II consiste na execução do projeto e na defesa do trabalho final, sendo integralizado em 30 horas.

Art. 7º A carga horária destinada ao TCC I e TCC II, consiste:

Atribuição carga horária TCC	Horas
Carga Horária Discente Orientada – Presencial:	10
Carga Horária de Orientação Docente:	20
TOTAL	30
Obrigatoriedade de Nota Final:	sim



CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES

Seção I - DO COORDENADOR DE CURSO

Art. 8º Compete ao Coordenador de Curso:

I - Receber o termo de aceite de orientação para o TCC I, assinado pelo professor orientador e discente, até 30 (trinta) dias após o início do semestre;

II - Providenciar a homologação dos Professores Orientadores do TCC, após aprovação do Colegiado de Curso;

III - Homologar as decisões referentes ao TCC;

IV - Apreciar e aprovar, juntamente com o colegiado do curso, as temáticas do TCC I e as bancas examinadoras do TCC II.

Seção II - DO PROFESSOR ORIENTADOR

Art. 9 O acompanhamento dos estudantes no TCC será efetuado por um Professor Orientador, observando-se sempre a vinculação entre a área de conhecimento na qual será desenvolvido o projeto e a área de atuação do Professor Orientador.

§ 1º O Professor Orientador deverá, obrigatoriamente, pertencer ao corpo docente da UFFS e ter dado aula nos últimos 3 (três) anos no curso de Pedagogia - Licenciatura, podendo existir coorientador.

§ 2º O coorientador terá por função auxiliar no desenvolvimento do trabalho, podendo ser um profissional com formação superior na área e com conhecimento no assunto em questão.

§ 3º A indicação do coorientador deverá ser apreciada pelo Colegiado do Curso.

Art. 10 Cada Professor Orientador poderá orientar, concomitantemente, até três estudantes.

Art. 11 Será permitida substituição de orientador, que deverá ser solicitada por escrito com justificativa e entregue ao Coordenador do Curso, até 90 (noventa) dias antes da data prevista para a apresentação final do trabalho.

Parágrafo único: Caberá ao Colegiado de Curso analisar a justificativa e decidir sobre a substituição do Professor Orientador.

Art. 12 Compete ao Professor Orientador:

I - Apoiar a Coordenação de Curso no desenvolvimento das atividades relativas ao TCC;



II - Estabelecer critérios e formas de acompanhamento (registro da frequência) e das atividades desenvolvidas no CCR;

III - Organizar e operacionalizar as diversas atividades de desenvolvimento e avaliação do TCC que se constituem na apresentação do projeto de pesquisa e defesa final;

IV- Orientar o(s) estudante(s) na elaboração do TCC em todos os seus níveis, do projeto de pesquisa até a defesa e a entrega do TCC;

Parágrafo único. Cabe ao professor orientador e ao estudante, de comum acordo, definirem os horários destinados para orientação e desenvolvimento das atividades previstas no plano de curso do CCR.

V - Elaborar juntamente com o discente o termo de aceite de orientação para o TCC I, e entregar ao Coordenador ou Secretário do Curso, até 30 (trinta) dias após o início do semestre;

VI - Indicar, se necessário, ao Coordenador do Curso, a nomeação de coorientador;

VII - Orientar o estudante na aplicação de conteúdos e normas técnicas para a elaboração do TCC, conforme metodologia da pesquisa científica;

VIII - Efetuar a revisão dos documentos e componentes do TCC e autorizar o estudante a fazer as apresentações previstas e a entrega de toda a documentação solicitada;

IX - Constituir e participar da banca examinadora do TCC;

X - Encaminhar ao colegiado as indicações das bancas, datas e horários das defesas finais do TCC II, em até 40 dias letivos antes do término do semestre letivo vigente, para apreciação;

XI - Avaliar o TCC e registrar o conceito no sistema de registro acadêmico;

XII - Encaminhar as atas e as listas de presenças das sessões públicas do TCC para arquivamento na coordenação do curso.

Seção III - DO ESTUDANTE

Art. 13 São obrigações do estudante:

I - Requerer a matrícula nos CCR TCC I e TCC II nos períodos de matrícula estabelecidos no Calendário Acadêmico da UFFS;

II – Elaborar, juntamente com o orientador, o termo de aceite de orientação para o TCC I, e entregar a Coordenação ou Secretaria do Curso, até 30 (trinta) dias após o início do semestre;

III - Elaborar e apresentar o projeto de pesquisa e o Trabalho científico final em conformidade com este Regulamento;

IV - Apresentar toda a documentação solicitada pelo Professor Orientador;



V - Participar das reuniões periódicas de orientação com o Professor Orientador do TCC;

VI - Seguir as recomendações do Professor Orientador concernentes ao TCC;

VII- Encaminhar as versões finais dos trabalhos relacionados ao CCR de TCC II, com prazo até 20 dias, em conformidade com as normas exigidas pelo curso e pela UFFS, juntamente com a declaração de ciência do orientador.

Art. 14 Em caso de plágio, desde que comprovado, o estudante estará sujeito ao regime disciplinar previsto em regulamentação específica da UFFS.

Parágrafo único: Constitui plágio o ato de assinar, reproduzir ou apresentar, como de autoria própria, partes ou a totalidade de obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, pictórica, fotografia, audiovisual ou outra) de outrem, sem referir os créditos para o autor.

CAPÍTULO III

DA MATRÍCULA E ACOMPANHAMENTO

Seção I – DA MATRÍCULA

Art. 15 Para efetuar a matrícula no CCR TCC I o estudante deverá ter cursado os pré-requisitos estabelecidos no currículo do curso conforme o previsto na estrutura do curso no PPC.

Art. 16 Para efetuar a matrícula no CCR TCC II, o estudante deverá ter sido aprovado no TCC I.

CAPÍTULO IV

DO DESENVOLVIMENTO DOS TCC I E TCC II

Seção I - do TCC I

Art. 17 O TCC I consiste na definição do problema de pesquisa (projeto de pesquisa) e é condição obrigatória para a matrícula em TCC II, sendo desenvolvido e defendido no prazo máximo de um período (semestre) letivo.

Parágrafo único. Caso o estudante não tenha concluído com êxito o TCC I, durante o período letivo, o mesmo deverá matricular-se novamente para sua integralização.

Art. 18 O tema para o TCC deverá estar inserido em um dos campos de atuação do curso do estudante, baseado na análise de um problema específico voltado para o campo da Pedagogia que atenda ao perfil do curso e, ainda, elaborado seguindo critérios e características de um estudo científico.

Art. 19 São condições necessárias para aprovação em TCC I:



- I - Frequência igual ou superior a 75% nas atividades do Professor Orientador;
- II - Apresentação em forma de Seminário e entrega da versão física e/ou digital do Projeto de pesquisa, com a revisão bibliográfica completa para o professor orientador, sobre o tema proposto, elaborado de acordo com as normas da UFFS;
- III - O rendimento acadêmico ocorrerá por meio da avaliação do projeto de pesquisa com a revisão bibliográfica correspondente, além de outras atividades previstas no plano de curso;
- IV - A avaliação do projeto de pesquisa fica a cargo do Professor Orientador, ou de outra forma de avaliação definida pelo Colegiado do curso;
- V- O estudante, ao final, deverá ter o conceito APROVADO e, devido às características próprias do CCR TCC I, a recuperação de nota e conteúdo não faz parte do processo de avaliação.

Seção II - do TCC II

Art. 20 O TCC II caracteriza-se pela execução do Projeto de Pesquisa aprovado na atividade TCC I, defesa final e entrega do trabalho científico.

Art. 21 No ato do pedido para o Seminário de Defesa do TCC II, o estudante deverá entregar as cópias do Trabalho Científico.

§ 1º Entende-se por trabalho científico o documento escrito e entregue pelo estudante, conforme as normas da UFFS.

§ 2º Deverá ser entregue na secretaria do curso as indicações das bancas, datas e horários das defesas finais do TCC II, em até 40 dias letivos antes do término do semestre letivo vigente, para apreciação em colegiado.

Art. 22 A defesa final constitui-se requisito obrigatório para aprovação e será realizada em forma de seminário público.

§ 1º O tempo de apresentação poderá ser de até 30 (trinta) minutos, prorrogáveis, a critério da banca examinadora.

§ 2º Cada membro da banca examinadora terá o tempo de até 20 (vinte) minutos para a arguição do trabalho apresentado.

Art. 23 São condições necessárias para aprovação em TCC II:

I – Frequência igual ou superior a 75% nas atividades programadas pelo Professor Orientador;

II – Defesa e aprovação no seminário público de defesa final do TCC II;

III - A verificação do rendimento do estudante no TCC II será realizada por uma banca examinadora constituída pelo Professor Orientador, como seu presidente, e por mais dois professores por ele sugeridos, aprovados pelo colegiado e designados pela coordenação do curso, devendo o estudante atingir conceito final Aprovado.



§ 1º A indicação e a designação dos integrantes das bancas examinadoras levarão em conta a vinculação dos examinadores à temática do TCC a ser avaliado.

§ 2º É facultada a participação de avaliadores de outras instituições, desde que não implique encargos financeiros.

§ 3º Devido às características próprias do CCR TCC II, a recuperação de nota e conteúdo não faz parte do processo de avaliação.

Art. 24 A participação do Seminário de Defesa do TCC II é obrigatória a todos os estudantes matriculados neste CCR.

Art. 25 A etapa de desenvolvimento do TCC II e a defesa final deverão acontecer no prazo de um período (semestre) letivo.

Parágrafo único. Caso o estudante não tenha concluído com êxito o TCC II durante o período letivo, o mesmo deverá matricular-se novamente para sua integralização.

CAPÍTULO V

DA DISPONIBILIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS

Art. 26 Deverá, obrigatoriamente, ser entregue na secretaria do curso, como documentação final do TCC, cópia digital do Trabalho científico–corrigido conforme as recomendações da banca examinadora.

Art. 27 O TCC de Curso da UFFS deve, obrigatoriamente, integrar o Repositório Digital da UFFS, cabendo ao próprio estudante apresentar a documentação exigida.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 28 Poderão ser disponibilizados meios alternativos para acompanhamento e avaliação de estudantes que desenvolvem o TCC fora da localidade onde o estudante estiver matriculado, a critério do Colegiado do Curso.

Art. 29 Os direitos e deveres dos estudantes matriculados nos CCR de TCC I e TCC II são os mesmos estabelecidos para os demais CCR, ressalvadas as disposições do presente regulamento.

Art. 30 Quando o TCC for realizado em parceria com empresas ou outras organizações deverá ser elaborado um termo de compromisso próprio, definindo as atribuições, direitos e deveres das partes envolvidas, inclusive a autorização da divulgação do nome da empresa na publicação do trabalho.

Art. 31 Quando pertinente, o TCC deverá ter aprovação do CEP (Comissão de pesquisa com Humanos) e CEUA (Comissão de Pesquisa de Animais) antes de sua execução.



Art. 32 Quando o TCC resultar em patente, a propriedade desta será estabelecida conforme regulamentação própria da UFFS.

Art. 33 Os casos omissos neste regimento serão definidos pelo colegiado do curso de Pedagogia – Licenciatura cabendo recurso aos colegiados superiores.



ANEXO IV - REGULAMENTO DE EQUIVALÊNCIA DE COMPONENTE CURRICULAR

CAPÍTULO I

DA CARACTERIZAÇÃO

Art. 1º A equivalência é um procedimento que possibilita reconhecer que um componente curricular cursado com êxito tem o mesmo efeito que outro para a integralização da estrutura curricular do curso.

Art. 2º A equivalência reconhece componentes curriculares cursados em outros cursos ofertados no campus Cerro Largo/UFFS levando em conta o desenvolvimento pedagógico do curso de Pedagogia - Licenciatura.

CAPÍTULO II

DA EQUIVALÊNCIA

Art. 3º No Quadro 24 as equivalências são definidas em relação aos componentes curriculares ofertados pelos cursos de graduação do *campus* Cerro Largo, considerando o Domínio Conexo das Licenciaturas.

Quadro 24 – Tabela de equivalência

Componentes Curriculares de outros cursos			Componentes Curriculares do curso de Pedagogia-Licenciatura		
Código	Componente Curricular	Horas	Código	Componente Curricular	Horas
GCH817	Estágio curricular Supervisionado: gestão escolar	90	GCH1769	Estágio Curricular Supervisionado: gestão escolar	90
GCH811	Temas Contemporâneos e Educação	60	GCH1765	Temas Contemporâneos e Educação	60
GCH812	Políticas Educacionais	30	GCH1766	Políticas Educacionais	30
GLA212	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	60	GLA0704	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	60
GCH815	Prática de ensino: pesquisa em educação	60	GCH1768	Prática de ensino: pesquisa em educação	60
GCH814	Fundamentos Pedagógicos da Educação	60	GCH1767	Fundamentos Pedagógicos da Educação	60

Art. 3º-A Estabelecer equivalência aos componentes curriculares abaixo relacionados, cursados com aprovação ou validados pelos estudantes do curso de Pedagogia- Licenciatura, *Campus* Cerro Largo, em decorrência da reformulação dos Projetos Pedagógicos dos Cursos do Campus, visando seu aproveitamento pelos estudantes:



Componentes Curriculares de outros cursos			Componentes Curriculares do curso de Pedagogia- Licenciatura		
Código	Componente Curricular	Horas	Código	Componente curricular	Horas
GLA032	Literatura Infantil e Juvenil	60	GLA430	Literatura infantil e juvenil	30
GLA037	Fundamentos Teórico-Metodológicos do ensino de Língua Portuguesa	45	GLA405	Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de língua portuguesa	30
GLA042	Psicolinguística: processos de leitura e escrita	60	GLA423	Psicolinguística	30
GCH295	Fundamentos histórico-filosóficos da educação	60	GCH813	Fundamentos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Educação	60
GCH298	Fundamentos psicológicos da educação	60	GCH1767	Fundamentos Pedagógicos da Educação	60
GCH039	Política Educacional e Legislação do Ensino no Brasil	45	GCH1766	Políticas Educacionais	30
GCH297	Fundamentos Político-pedagógicos da Educação	60	GCH1766	Políticas Educacionais	30
GCH811	Temas Contemporâneos e Educação	60	GCH1765	Temas contemporâneos e educação	60
GLA045	Língua Brasileira de Sinais (Libras)	60	GLA0704	Língua Brasileira de Sinais (Libras)	60
GLA196	Libras – Língua Brasileira de Sinais	60	GLA0704	Língua Brasileira de Sinais (Libras)	60
GCH302	Estágio curricular supervisionado i: gestão educacional	105	GCH1769	Estágio Curricular Supervisionado: Gestão Escolar	90
GLA001	Leitura e Produção Textual I	60	GLA0683	Produção Textual Acadêmica	60
GLA004	Leitura e Produção Textual II	60	GLA0683	Produção Textual Acadêmica	60
GEX002	Introdução à Informática	60	GEX1039	Informática Básica	60

***Artigo inserido pela RESOLUÇÃO Nº 03/CCPL-CL/UFFS/2025**

Art. 4º O cumprimento de um componente curricular que é equivalente a um segundo permite a matrícula nos componentes curriculares que têm o segundo como pré-requisito.

Art. 5º Os casos omissos neste regulamento serão definidos pelo Colegiado do Curso de Pedagogia – Licenciatura, cabendo recurso aos colegiados superiores.